

ALINE TSCHOKE

**LAZER NA INFÂNCIA: POSSIBILIDADES E LIMITES PARA  
VIVÊNCIA DO LAZER EM ESPAÇOS PÚBLICOS NA  
PERIFERIA DE CURITIBA/PARANÁ**

Dissertação de Mestrado defendida  
como pré-requisito para a obtenção do  
título de Mestre em Educação Física,  
no Departamento de Educação Física,  
Setor de Ciências Biológicas da  
Universidade Federal do Paraná.

ALINE TSCHOKE

**LAZER NA INFÂNCIA: POSSIBILIDADES E LIMITES PARA VIVÊNCIA DO LAZER EM  
ESPAÇOS PÚBLICOS NA PERIFERIA DE CURITIBA/PARANÁ**

Dissertação de Mestrado defendida como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação Física, no Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Simone Rechia

Dedico a todos que trabalham pela  
transformação desse mundo em um lugar mais lúdico.

## **AGRADECIMENTOS**

À toda minha família, em especial a meu pai (Aldo) pelas críticas que tanto me fazem crescer, a minha mãe (Anadir) pelas contribuições no equilíbrio e reequilíbrio das minhas energias, a minha irmã (Ane) e meu cunhado (Ju) pela ajuda sempre.

Ao meu parceiro para todas as horas Rodrigo, pelo amor, pela paciência e pelos beijinhos de incentivo diário.

À Mamy Rechia pela parceria de cada dia.

À todos os professores que estiveram envolvidos em minha formação acadêmica, em especial aos integrantes da banca de qualificação e defesa dessa dissertação de mestrado: Fernando Marinho Mezzadri, Marco Paulo Stigger, Sílvia Franco do Amaral e Cristina Carta Cardoso de Medeiros.

Aos amigos da UFPR, em especial ao timão do GEPEC de todos os tempos... 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, pelas contribuições em diferentes intensidades, mas sempre fundamentais.

À comunidade pesquisada que me mostrou uma nova forma de olhar a cidade de Curitiba, a infância e o lazer.

E para finalizar citando meu querido amigo França (2007): “Se você me ajudou de alguma forma, mas não se viu contemplado deixe seu nome no verso desta folha. Ok!”

Um grande abraço a todos hoje e a cada dia...

## RESUMO

Este trabalho tematiza os espaços destinados ao lazer das crianças, localizados em uma área de vulnerabilidade social do Bairro Uberaba, na cidade de Curitiba, sua constituição, usos e formas de apropriação. Esta investigação foi desenvolvida em uma abordagem qualitativa, fundamentalmente empírica. Os instrumentos metodológicos utilizados foram: aplicação do protocolo de análise descritiva nos espaços públicos; observação das formas de apropriação dos espaços em diferentes tempos; entrevistas com lideranças locais e análise interpretativa utilizando a triangulação dos dados coletados. Os espaços públicos de lazer das crianças identificados nessa pesquisa foram: (1) jardinete, (2) praças, (1) escola e o espaço da rua. Conclui-se que existem poucas possibilidades para a vivência do lazer infantil nos espaços delimitados na pesquisa, as quais, quando experienciadas, são favorecidas pela oferta de alguns equipamentos e por ações isoladas de iniciativas comunitárias, entretanto, os espaços se encontram esvaziados. Também emergem limites que dificultam e até mesmo impedem a apropriação por parte das crianças, tais como: violência, o vazio dos espaços, a raridade de ações no âmbito do esporte e lazer, a ausência dos pais no cotidiano, assim como questões relacionadas a gestão e administração dos espaços. Considera-se que a infância dessas crianças está sendo vivida de forma reduzida e são poucas as possibilidades nesse contexto para a vivência do lazer.

**Palavras- chave:** lazer, espaço e infância.

## **ABSTRACT**

This paper deals with leisure spaces for children, located in an area of social vulnerability of district Uberaba, in the city Curitiba, its constitution, usages and forms of ownership. This investigation was supported in a qualitative approach, essentially empirical. The methodological instruments used were: implementation of the protocol of descriptive analysis in public spaces, observing the forms of appropriation of spaces at different times, interviews with local leaders and interpretive analysis using triangulation of data collected. The public spaces of leisure for children identified in this study were: (1) Jardinet, (2) squares, (1) school and the street space. We conclude that there are few possibilities for children leisure experience in the researched spaces, which when experienced is due to some equipment and isolated actions of community initiatives, however spaces are emptied. Also emerge as limits that hinder and even prevent the ownership of children, such as violence, the empty spaces, the rarity of actions within the sport and leisure, the absence of parents in the daily life as well as issues related to management and administration of spaces. It is considered that the childhood of these children is being experienced in reduced form and there are few possibilities in this context for the leisure experience.

Key words: leisure, space and childhood.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	01
CAPÍTULO I - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	05
CAPÍTULO II - REFERENCIAL TEÓRICO.....	08
O espaço e a apropriação.....	08
As crianças, infância e os espaços.....	12
O lazer: um conceito multifacetado.....	14
A cidade.....	17
CAPÍTULO III - A CIDADE DE CURITIBA .....	21
O bairro Uberaba .....	23
A região delimitada para pesquisa: Bolsão Audi- União.....	25
CAPÍTULO IV - OS ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS PÚBLICOS DE LAZER.....	35
O jardinete conhecido na comunidade como a “Praça do Cairo”.....	40
As praças.....	43
Praça Homero Morinobu Oguido.....	44
Praça Renato Russo.....	49
O espaço da escola.....	57
Outros espaços: a rua, a linha do trem e o bosque.....	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
REFERÊNCIAS .....	80
ANEXOS.....	84

## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa do bairro Uberaba com área pesquisada em estaque.....	27
Figura 2: Mapa do setor censitário 0159.....	28
Figura 3: Inserção do setor censitário 30159 como área de ocupação irregular ....	28
Tabela1: Domicílios particulares permanentes e participação relativa por número de moradores na área pesquisada, bairro Uberaba e Município de Curitiba 2000.....	30
Tabela 2: Responsáveis pelos domicílios e participação relativa, por anos de estudo, na área pesquisada, bairro Uberaba e Município de Curitiba 2000.....	33
Figura 4: Localização dos espaços identificados na área de estudo.....	36
Quadro1: Área de Lazer Por Tipo no Bairro Uberaba no Município de Curitiba 2005.....	36
Figura 5: Cancha de futebol de areia “Praça Do Cairo”.....	41
Figura 6: Playground e área gramada da “Praça do Cairo” .....	41
Figura 7: Equipamentos os parquinho da Praça Homero Morinobu Oguido .....	45
Figura 8: Banco de madeira da Praça Homero Oguido .....	45
Figura 9: Quadras de vôlei e futebol de areia da Praça Homero Morinobu Oguido .....	46
Figura 10: Lateral da Praça Homero Oguido e divisa com a Unidade de Atendimento Michel Cury.....	47
Figura11: Praça Renato Russo.....	50
Figura 12: Área gramada da Praça Renato Russo.....	51
Figura 13: Equipamentos do parquinho Praça Renato Russo.....	52
Figura 14 : Área de alongamento da Praça Renato Russo.....	52
Figura 15: Praça Renato Russo muro de divisa com a escola Municipal Maria Marli Piovezan.....	53
Figura 16: Escola Municipal Professora Maria Marli Piovesan.....	58
Figura17: Sala de aula com espaço para atividades. Diferenciadas Escola Municipal Maria Marli Piovesan.....	59
Figura 18: Pátio interno - Escola Municipal Maria Marli Piovesan.....	59
Figura 19: Pátio externo - Escola Municipal Maria Marli Piovesan.....	60
Figura 20: Parque infantil 01 - Escola Municipal Maria Marli Piovesan.....	61



Figura 21: Parque infantil 02 - Escola Municipal Maria Marli Piovesan.....	61
Figura 22 Parque infantil 03 - Escola Municipal Maria Marli Piovesan.....	62
Figura 23: Cancha- Escola Municipal Maria Marli Piovesan.....	62
Figura 24: Ginásio Poliesportivo - Escola Municipal Maria Marli Piovesan.....	63
Figura 25 Rua sem pavimentação na região pesquisada.....	69
Figura 26: Rua recentemente asfaltada na região pesquisada.....	70
Figura 27: Linha do trem na área pesquisada.....	71
Figura 28 Área de caminhada do bosque na Rua Amauri Mauad Guerios.....	73

## INTRODUÇÃO

A sociedade em que vivemos, segundo Rechia (2006, p.92), é configurada por características pós-industriais, com destaque aos avanços e retrocessos tecnológicos e seus desdobramentos que levaram a transformações sociais. Em relação às práticas corporais se faz necessário “salientar a limitação do espaço/tempo de lazer no meio urbano<sup>1</sup> para a fruição da cultura corporal.” Inere-se que essa limitação gerou, principalmente para crianças e jovens, uma drástica redução dos espaços do brincar que foram aos poucos saindo das ruas e quintais e se consolidando em espaços públicos limitados e pré-determinados para o lazer.

Segundo Pacheco, esse crescimento desordenado fez com que as grandes cidades sentissem falta de espaços públicos de lazer, isso “[...] em função do amplo processo de especulação imobiliária, da falta de políticas públicas e sociais e da ausência de um planejamento adequado das cidades (2006, p.173). Nessa mesma perspectiva, Simmel (1998) apresenta que essa nova configuração é decorrente das grandes mudanças estruturais do mundo moderno, tendo como fatores determinantes desse processo a urbanização, a divisão social do trabalho, e, acima de tudo, o advento da economia monetária.

Sendo assim, parte-se do pressuposto de que a escola passou a ser na sociedade moderna um dos espaços privilegiados para que as crianças possam experimentar a dimensão lúdica, dentre outras formas através da fruição da cultura corporal<sup>2</sup>. Esta afirmação se fundamenta nas pesquisas, das quais a autora faz parte, desenvolvidas nos projetos de pesquisa e extensão “A ESCOLA E OS ESPAÇOS LÚDICOS<sup>3</sup>” e “(RE) MAPEANDO OS ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS DE

---

<sup>1</sup> Meio urbano é entendido a partir da definição de fenômeno urbano de Lefebvre (1999, p. 77-98), que consiste nas relações entre os níveis global (representado pelo poder do Estado e dos homens), misto (que seria o nível urbano representado pela cidade) e particular (onde se estabelecem as relações entre o habitat e o habitar do indivíduo). Essas dimensões apontam o espaço urbano como projeções das relações sociais e lugar onde as estratégias se confrontam.

<sup>2</sup> A Cultura Corporal que está sendo almejada nos espaços lúdicos é entendida neste trabalho como uma forma de comunicação social historicamente construída e acumulada pela humanidade. “Ela será configurada com temas ou formas de atividades, particularmente corporais, [...] jogo, esporte, ginástica, dança, ou outras [...]”. Considerando que o homem possa se apropriar dessa cultura corporal ele deve dispor de “intencionalidade para o lúdico...” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.62)

<sup>3</sup> Projeto de pesquisa e extensão desenvolvido por acadêmicos do curso de Educação Física e da pós-graduação, bolsistas do programa Licenciar vinculado à /UFPR.

ESPORTE E LAZER NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE CURITIBA<sup>4</sup>”. A partir destas pesquisas foi possível perceber que esses espaços/equipamentos possibilitam em diferentes intensidades, interessantes e diversificadas formas de apropriação e sociabilidade na dinâmica escolar, fazendo com que estes espaços lúdicos se transformem em lugar através da significação dada a eles pelos usuários. Levando em consideração as definições de Tuan (1983, p.3), nas quais espaço representa liberdade, possibilidade, um convite à apropriação, à ação, o lugar é dotado de significado, tornando-se parte do indivíduo, é fechado no sentido de segurança e representatividade. Acredita-se que da mesma forma como ocorre com os espaços da escola, outros espaços públicos tais como praças, bosques, parques, centros esportivos, também podem ser apropriados de forma lúdica pelas crianças na cidade.

Diante desse contexto torna-se relevante investigar como os espaços lúdicos fora do ambiente escolar formal e em diferentes contextos sociais e ambientais atendem tal necessidade infantil, e de que forma esses espaços estão sendo potencializados pelo planejamento urbano e/ou por programas municipais ou federais de incentivo ao lazer<sup>5</sup>, aqui especificamente no bairro Uberaba da cidade de Curitiba.

Acredita-se que, o principal ponto para escolha de um objeto de pesquisa deva ser o envolvimento do pesquisador com o mesmo. Sendo assim o contato com os estudos de espaço e lazer ocorreu já no segundo ano da graduação, conjuntamente com o ingresso às atividades do GEPEC<sup>6</sup>, desde então a afinidade e envolvimento com o tema só aumentaram a cada semestre.

---

<sup>4</sup> Projeto de Iniciação Científica, BANPESQ/THALES: 2006019190, vinculado à PROGRAD/UFPR.

<sup>5</sup> Tendo como exemplo o Programa Comunidade Escola, da Prefeitura Municipal de Curitiba, ou o Programa Esporte e Lazer na cidade financiado pelo Ministério do Esporte.

<sup>6</sup> Grupo de Estudos e Pesquisas em Lazer, Espaço e Cidade, inserido no Centro de Pesquisas em Esporte, Lazer e Sociedade (CEPELS) da Universidade Federal do Paraná. Atualmente este grupo desenvolve as seguintes pesquisas: “Análise dos Espaços e Equipamentos de Esporte e Lazer do Estado do Paraná”, a qual faz parte do Projeto “Diagnóstico das políticas públicas de Esporte e Lazer do Estado do Paraná”, em andamento desde 2005 com a implantação do Programa Rede Cedes na UFPR/DEF, financiado e gerenciado pela Secretaria Nacional do Esporte e do Lazer (SNDEL) do Ministério do Esporte; Projeto “Univer-cidade: um giro pela cidade brincando, aprendendo e conservando”, também financiado pela SNDEL através do Programa Esporte Lazer na Cidade (PELC) e pela Pró-Reitoria de Extensão da UFPR; Projeto “A escola e os espaços

Alguns autores têm demonstrado interesse em discutir as formas de apropriação dos espaços e equipamentos de lazer e suas relações com as políticas públicas, dentre eles citamos Marcellino (1998), Bramante (1998), Mascarenhas (2005), Pacheco (2006), Stigger (2002)<sup>7</sup>, Amaral (2003)<sup>8</sup> entre outros. Já no caso da realidade específica de Curitiba, temos Rechia (2003), França<sup>9</sup> (2007), Cagnato<sup>10</sup> (2007), Gonçalves (2008), Oliveira<sup>11</sup> (2009), entre outros. Somado a esses trabalhos já publicados acredita-se que esse estudo trará novas contribuições para pesquisas na área, e a possibilidade de gerar teorias que possam ser aplicáveis a outros estudos, pois como aponta Santos (1997, p.58), “a teorização depende de um esforço de generalização e de um esforço de individualização. A generalização nos dá a listagem das possibilidades; a individualização nos indica como, em cada lugar, algumas dessas possibilidades se combinam”.

Diante do exposto, acredita-se que esse estudo pode gerar subsídios para estudantes, professores, gestores, voluntários e para o público em geral com interesse na área de Lazer. Bem como, contribuir para a elaboração de programas sociais e formulação de novas políticas públicas para infância ao trazer indícios, a partir da análise do contexto em questão, que podem contribuir para a geração de novas experiências e a possibilidade de inserção de novas atividades.

A partir desse contexto, questiona-se: quais os espaços localizados no bolsão de pobreza AUDI-UNIÃO<sup>12</sup>, situado no Bairro Uberaba, na cidade de Curitiba, são

---

lúdicos”, financiado pela Pró-Reitoria de Graduação da UFPR; Projeto SESI/CEPELS intitulado “Análise sobre os espaços e equipamentos de esporte e lazer das indústrias do Paraná”.

<sup>7</sup> Marco Paulo Stigger – Esporte, lazer e estilos de vida um estudo etnográfico.

<sup>8</sup> Silvia Amaral – Políticas Públicas de Lazer e Participação cidadã entendendo o caso de Porto Alegre.

<sup>9</sup> Rodrigo de França – Oferta versus demanda: uma análise da relação entre o poder público e as associações de usuários dos parques e bosques da cidade de Curitiba.

<sup>10</sup> Euza Virginia Cagnato – Praças de Curitiba: Espaços que possibilitam as experiências no âmbito do esporte e lazer?;

<sup>11</sup> Marcelo Ponestki Oliveira – A Relação Entre Atividade Física/ Esporte e Lazer em Parques Públicos de Curitiba;

<sup>12</sup> Esse bolsão está localizado no bairro Uberaba na cidade de Curitiba-PR, sendo este uma área de vulnerabilidade social e ambiental. Nesse contexto foram selecionados três setores censitários (410690205030157, 410690205030158 e 410690205030159) para realização da pesquisa, estes compreendendo: o Jardim das Torres, as Moradias Itiberê, as Moradias Cairo e Jardim Alvorada, regiões estas escolhidas após inúmeras visitas a região em busca de espaços com características semelhantes dentro do bairro Uberaba.

destinados ao lazer das crianças, como estão constituídos e quais as formas de uso e apropriação?

Para tanto buscou-se identificar quais os espaços da região delimitada são destinados ao lazer das crianças, como estão constituídos e como são apropriados. Tendo como objetivos específicos: (a) Descrever os espaços e equipamentos de Lazer na região pesquisada, relatando algumas de suas peculiaridades; (b) Investigar se, e de que forma são planejadas e realizadas as intervenções nesses espaços; (c) Caracterizar de forma interpretativa alguns dos espaços selecionados, verificando quais são as suas características, atividades, contradições existentes no espaço, redes mais amplas de relações, formas de uso e apropriação durante o tempo livre das crianças.

---

## CAPÍTULO I - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa pretendeu ler e apresentar a realidade com o intuito de levar à reflexão sobre um determinado fenômeno social. Neste caso, a possibilidade de apropriação do espaço público de lazer pelas crianças de uma comunidade de vulnerabilidade social. Trata-se, portanto, de uma investigação social, que segundo Minayo, citado por Gonçalves (2000), considera o sujeito do estudo “[...] pertencente a determinado grupo social ou classe com suas crenças, valores e significados” (p.18). Sendo assim, pauta-se em uma abordagem qualitativa, fundamentalmente empírica. Considerando o exposto, esse estilo de pesquisa tem como característica central a descrição e o esforço intelectual necessário para interpretar códigos, entender as estruturas e significações.

Os instrumentos metodológicos utilizados foram: (1) aplicação do protocolo<sup>13</sup> de análise descritiva nos espaços públicos de lazer da região analisada; (2) observação das formas de apropriação dos espaços em diferentes tempos; (3) entrevistas<sup>14</sup> com lideranças locais<sup>15</sup>; (4) análise interpretativa utilizando a triangulação dos dados coletados.

Ressalta-se que, para a concretização do item (1), fez-se também registros fotográficos dos espaços e equipamentos públicos, para preservar as características descritas no protocolo. Para a aplicação desse instrumento metodológico a região delimitada foi percorrida a pé, os espaços foram sendo fotografados e os protocolos preenchidos. Essa tarefa foi realizada em duas visitas, com duração de 2 horas

---

<sup>13</sup> Esse protocolo foi desenvolvido pelo GEPEC no ano de 2004, desde então vem sendo utilizado em diferentes pesquisas. Analisará a constituição do espaço, seus objetivos, a acessibilidade, condição do local e dos equipamentos, qualidade ambiental e das instalações, além da descrição densa desses espaços. Paralelamente a estas visitas foram feitos registros fotográficos (Anexo 01).

<sup>14</sup> As entrevistas serão do tipo parcialmente estruturadas, que segundo Laville e Diobbe (1999, p.333) possuem: “[...] temas especificados e perguntas (abertas) preparadas previamente. Mas toda liberdade é mantida no que concerne à retomada de algumas questões, a ordem nas quais as perguntas são feitas e ao acréscimo de outras improvisadas.”

<sup>15</sup> Compreendendo lideranças locais como: gestores da Prefeitura Municipal de Curitiba que atuam na comunidade pesquisada, educadores da Fundação de Ação social, agentes de saúde, coordenadores de programas sociais, professoras dos contra-turnos escolares, voluntários, agentes de lazer, entre outros.

cada. Foram encontrados quatro<sup>16</sup> espaços públicos de lazer para as crianças, sendo: um jardinete, duas praças e o espaço da escola.

Em relação ao item (2), é válido destacar que as observações foram feitas de forma assistemática, no período entre novembro de 2008 e fevereiro de 2010; quatro vezes por mês, com duração de duas horas em média, em dias e períodos<sup>17</sup> diferenciados. Os espaços públicos de esporte e lazer observados foram aqueles descritos nos protocolos (item 1) e outros, não específicos, que durante as observações estavam sendo apropriados pelas crianças, sendo eles: a rua, a linha do trem e um bosque<sup>18</sup>. A pesquisadora ficava em trânsito nos espaços delimitados, permanecendo por mais tempo apenas quando havia movimento no espaço<sup>19</sup>. Em nenhum momento da pesquisa crianças foram entrevistadas, fotografadas ou filmadas. A frequência das observações foi sendo interrompida, considerando a repetição dos fatos, ou seja, quando os fenômenos começaram a ficar saturados.

As entrevistas (item 3) foram transcritas *verbatimum*, para preservar os sentidos e idéias dos colaboradores. Antes da entrevista, cada participante recebeu esclarecimentos gerais sobre os objetivos da pesquisa e uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Informado<sup>20</sup>. A autorização para a entrevista e publicação dos dados, em forma de trabalhos acadêmicos, foi viabilizada pela assinatura desse documento. Aos participantes foi garantido o princípio do anonimato.

À medida que as entrevistas foram sendo realizadas e transcritas, analisou-se o conteúdo das falas, com o intuito de, durante o processo identificar os próximos informantes, traçando continuamente novos caminhos da pesquisa. Pois segundo França (2007),

---

<sup>16</sup> Durante a pesquisa encontrou-se também uma cancha de bocha comunitária, construída em um terreno baldio, embaixo das torres de alta tensão. Esse espaço foi descartado, pois, segundo os moradores do entorno, era apenas utilizado por adultos. O que foi corroborado nas observações iniciais.

<sup>17</sup> Por questões de segurança, as observações realizaram-se no período entre 7:00 e 19:00 horas, nas praças, ruas e jardins. Após as 19 horas, apenas nas dependências da escola com a presença da Guarda Municipal.

<sup>18</sup> Este espaço fica localizado na Rua Amauri Mauad Guerios, Uberaba, Curitiba-PR, fora da área delimitada para pesquisa, porém foi indicado por várias lideranças como um espaço de lazer daquela comunidade.

<sup>19</sup> Este procedimento foi adotado para preservar a pesquisadora em relação a falta de segurança encontrada nos espaços de pesquisa.

<sup>20</sup> Anexo 2.

Nesse tipo de pesquisa não se visa generalizações, mais sim descrições ricas e detalhadas da realidade. Desta forma, não se trabalha com um número grande de sujeitos, mais sim com participantes que possam oferecer informações para dar conta da problemática inicial com o maior grau de profundidade e confiabilidade possível. (p.44)

Nesse sentido, foram realizadas nove entrevistas com lideranças locais e representantes da Prefeitura Municipal de Curitiba. Os entrevistados<sup>21</sup> foram: (4) educadoras que trabalham em espaços de contra-turno da região pesquisada; (1) agente de saúde; (1) líder comunitária e agente de lazer voluntária; (1) diretora da escola, (1) assistente social; (1) arquiteta responsável pelo planejamento dos parques e praças e (1) representante da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer da cidade de Curitiba.

Finalizada a coleta dos dados buscou-se unir as informações das diferentes fontes (métodos anteriormente já descritos e citados), procurando desvelar os pontos de aproximação e afastamento. Para tanto, utilizou-se a análise interpretativa tendo em vista a reflexão e síntese, para posterior retorno dos resultados para a comunidade, visando socializar e possibilitar a transformação social.

Utilizaram-se equipamentos eletrônicos para realização de entrevistas, registro de imagens relacionadas aos espaços e observações de campo, tais como: gravador de voz digital, máquina fotográfica e computador, para transcrição das entrevistas e digitalização da síntese da pesquisa. Caderno e caneta foram utilizados para o registro das observações (diário de campo) e complementos das entrevistas.

---

<sup>21</sup> Não serão divulgados os nomes dos entrevistados, e os mesmos serão identificados no decorrer do texto por suas funções na comunidade, e no caso das educadoras também por um número correspondente a ordem das entrevistas (1,2,3 e 4).



## CAPÍTULO II - REFERENCIAL TEÓRICO

### O espaço e a apropriação

Em relação ao tema espaço, considera-se o exposto por Luchiari, citada por Cagnato (2007, p.13), a qual defende “a importância dos espaços para compreensão da articulação e organização da sociedade”. A partir do entendimento de como o espaço está constituído, de suas formas de apropriação, suas transformações, os sentidos e significados a ele atribuídos é possível entender as relações entre as estruturas, a sociedade e as pessoas. Nesse sentido, no contexto da modernidade:

[...] o espaço aparece, pois, transformar-se no modo privilegiado de pensar e agir o fim do século. Assim sendo, é de pensar que as representações sociais do espaço adquiriram cada vez mais importância e centralidade analíticas. (SANTOS, 1991, p.63)

O espaço, segundo Elias (1994), pode ser representado por conceitos que lhe dão significado como largura, profundidade e comprimento. Desta forma, é possível compreender e até mesmo imaginar o espaço. O mesmo autor avança quando traz a concepção de que “a localização plena de um fato no espaço não é possível a menos que ela seja acompanhada da sua localização no tempo” (p. 3). Sendo assim, ressalta-se que o espaço não é a única dimensão dos acontecimentos, estes devem ser situados também num tempo para que tenham sentido e significado.

No entanto, quando a categoria espaço é associada as discussões do lazer, este conceito ganha outras características. Afinal, mesmo que as dimensões sejam responsáveis por dar forma ao espaço, e o tempo por localizar o acontecimento na história, é através da apropriação por parte dos usuários que são atribuídos a ele sentido e significado. Deste modo o espaço ganha vida e deixa de ser apenas uma representação dimensional.

Certeau (1994, p.40), considera que a apropriação acontece quando alguém estabelece um contrato com outros indivíduos e com o ambiente, através de diferentes formas de comunicação, evidenciando a linguagem corporal. Isto porque, quando se trata de um contrato entre a pessoa e o objeto, o movimento acaba sendo o ponto direto de conexão. Percebe-se tal fato quando; ao mesmo tempo em que um indivíduo influencia o espaço, fazendo com que ele se torne significativo, este

espaço o influencia, muitas vezes, determinando suas ações. Nesse sentido Debortoli *et all* (2008, p.39), corrobora:

[...] pensar o espaço como prática social significa pensar a sua apropriação, e esta não se reduz à representação do espaço. Refere-se ao sentimento de pertencimento, à compreensão do vivido para além do espaço geométrico.

Sendo assim, a apropriação pode ser entendida como:

[...] atividade humana que se realiza pelo homem em torno do ser humano e nele engloba seus sentidos, sensibilidade, necessidade e desejos. Realiza-se com base em uma estratégia que escapa à equivalência (imposta pela troca) e ao homogêneo (imposto pela norma) e faz aflorar o diferente – é a multiplicidade na heterogeneidade, o que acentua seu caráter apropriador, isto é, o homem apropria-se das condições exteriores, transformando-as. (CARLOS, 2001, p.216 citado por FRANÇA 2007, p.3)

A partir dessa reflexão, Cagnato (2007) infere que a apropriação de um espaço ou delimitação espacial está ligada ao poder simbólico desse como lugar. Ou seja, os laços afetivos que as pessoas estabelecem com um espaço. Da mesma maneira, Bourdieu (2002) apresenta que o espaço físico em si mesmo “não passa do suporte vazio das propriedades sociais dos agentes e instituições que, estando distribuídos por esta superfície, transformam-na em um espaço social, socialmente hierarquizado” (p.38). A partir do momento em que se transforma em espaço social passam a ser reveladas as regras, as tensões e os signos dos agentes que se apropriam dele. Ao investigar os espaços encontramos manifestados neles as posições e as oposições constitutivas da sociedade, pois o espaço não é somente o cenário onde as relações acontecem, mas também participa “ativamente” da construção das relações sociais. Sendo assim, Smolka acrescenta as definições anteriores que o ato de apropriar-se pode ser definido como o tornar próprio:

No entanto, tornar próprio não significa exatamente, e nem sempre coincide com tornar adequado as expectativas sociais. Existem modos de tornar próprio, de tornar seu, que não são adequados ou pertinentes para o outro. (2000, p. 32)

Nesse sentido, a autora enfatiza que a apropriação é permeada de tensões sociais, pois

Aprofundando nossas análises, notamos que muitas tensões se instalam nas várias possibilidades de significação (e modos) de apropriação, tornar próprio, de si mesmo, atribuir pertença ou propriedade, assumir, tornar

adequado, pertinente, desenvolver capacidades e meios (instrumentos, modos) de ação, de produção. Alguns desses modos e significados, nenhum deles ou todos eles podem (ou não) coincidir. Tais tensões produzem diferentes (efeitos de) sentidos, dependendo das situações, das posições dos sujeitos nas relações. Alguns modos de participação/apropriação podem adquirir visibilidade analítica, enquanto outros permanecem simplesmente impossíveis de traçar. (*idem*, 2000, p.36)

E finaliza definindo a essência do termo em questão como “[...] pertencer e participar das práticas sociais.” (p. 37)

Em se tratando de espaços e relações sociais, Forneiro, citado por Horn (2004, p.35), aponta que o termo espaço pode ser relacionado também com o ambiente, sendo assim:

O termo ‘espaço’ se refere aos locais onde as atividades são realizadas, caracterizados por objetos, móveis, materiais didáticos, decoração. O termo ‘ambiente’ diz respeito ao conjunto desse espaço físico e as relações que nele se estabelecem, as quais envolvem os afetos e as relações interpessoais do processo, os adultos e as crianças; ou seja, em relação ao espaço, temos as coisas postas em termos mais objetivos; em relação ao ambiente, as mais subjetivas.

Nessa perspectiva a sociedade pode ser focalizada, no estudo de um ambiente que seria a soma de diferentes espaços e das relações neles e entre eles estabelecidas. A singularidade, que caracteriza cada espaço reside no fato dele ser “[...] algo socialmente construído, refletindo normas sociais e representações culturais que não o tornam neutro e, como consequência, retrata hábitos e rituais que contam experiências vividas [...]” (HORN, 2004, p.37). Ou seja, são reflexos e espelhos dos acontecimentos, fenômenos, das ações e relações desenvolvidas pelos indivíduos que os planejam, constroem, e principalmente pelos que se apropriam. Cada uma dessas realidades possui uma cultura a qual “[...] acontece em espaços que retratam seus símbolos e signos, os quais não são criados ou descobertos pelo sujeito, mas por ele apropriados.” (*idem, ibidem*). Sendo assim, Rechia (2006) discorre que mesmo o espaço sendo planejado para ser apropriado de determinada maneira os sujeitos podem a qualquer instante (re)significá-los. É preciso ser sensível para que se consiga perceber o quanto um espaço pode ser significativo e criador de novas apropriações. Assim, mesmo que os sentidos e significados planejados para este espaço tenham um fim específico, coerção, por

exemplo, cabe aos indivíduos que irão apropriar-se desse espaço, aceitar ou alterar esse plano. Portanto, essa relação-criador-espaço-indivíduo é ativa nos dois pólos.

Soma-se a essas perspectivas, o conceito de espaço da Geografia resgatado por Santos (1997), no qual associado ao conceito de lugar “constitui a dimensão da existência que se manifesta através de um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas, instituições-cooperação e conflito os quais são a base da vida em comum” (p. 25). Reafirmando que, as relações sociais e a apropriação do espaço são importantes problematizações para o campo da sociologia, pois podem desvendar os sentidos e significados de algumas ações cotidianas. Pol (1996, p.46) na mesma perspectiva afirma que

El ser humano, como la mayoría de otros seres animales necesita marcar su territorio, aunque sea de forma sofisticada. Necesita sus referentes estables que le ayuden a orientarse, pero también preservar su identidad ante sí y ante los demás. Identidad y pertinencia, privacidad e intimidad, ser causa y a su vez dejarse llevar por sus referentes..., constituyen la clave de la creación y la asunción de un universo de significados que constituyen la cultura y el entorno del sujeto, fisicalizado a través del tiempo em um espacio `vacio` que deviene un `lugar` com sentido. Es lo que llamamos apropiación.

Rechia e França (2006, p.63) sintetizam as proposições anteriores quando escrevem que “[...] espaço e lugar são componentes básicos do mundo vivo. Assim, o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”. Nessa perspectiva, a análise do espaço possui uma nova legitimação no contexto da modernidade.

Considerando o exposto, infere-se que o espaço é muito mais do que apenas dimensões representadas por números, é nele que as diferenças econômicas, sociais e culturais se materializam, bem como, as relações sociais acontecem. O desafio é perceber como acontece esse dinâmico processo de apropriação do espaço, desvelando os sentidos e significados que os usuários dos mesmos lhes conferem.

Já na especificidade dos espaços públicos de lazer, ressalta-se que estes devem ser legítimos espaços de sociabilidade, palco de transformações sociais e de resistência. Segundo Rechia (2003), esses espaços são uma espécie de síntese do aspecto físico da cidade e a partir da apropriação, que pode vir a transformar aquele

espaço em lugar, é que podemos desvelar o pulsar da vida urbana, ou seja, a vida na cidade. Uma das características mais interessantes desses espaços, segundo a mesma autora, é “[...] a possibilidade de tornarem-se lugares de encontro por meio de usos combinados e cruzados, pois se mostram como expressão da vida de uma sociedade.” (*idem*, 2009, p.77). Indo além nesse tema, Muller, citado por Gonçalves (2008, p.46), afirma que o espaço de lazer pode ser um espaço de encontro e convívio, além disso, “[...] os espaços urbanos equipados, conservados e principalmente animados para o lazer são indispensáveis para uma vida melhor para todos, e se constituem num direito dos brasileiros.”

### **As crianças, infância e os espaços**

Segundo Benjamin (2002), a criança só pode vivenciar sentimentos, ética e moral na comunidade em que vive, durante seu cotidiano. Não há como fazer isso, exclusivamente, em salas de aulas, baseados em conteúdos fechados e disciplinadores. O autor afirma que essa dificuldade está centrada na forma como os adultos mascaram, com a experiência, suas intervenções no processo educacional das crianças. Essas, muitas vezes, sentem-se inferiores acreditando que a grande experiência da vida será futura, na fase adulta. Dessa maneira, alguns sentimentos vivenciados no período da infância sobrevivem mais na recordação do homem adulto, do que no jovem em desenvolvimento. Nesse sentido, torna-se interessante discutirmos o que seria o período denominado infância.

Segundo Sirota (2001), a infância pode ser compreendida em diferentes perspectivas, inicialmente como um período de crescimento, no sentido de formação. Um começo de um ser, ou seja, algo que não existe ainda e está em processo de desenvolvimento, destacando o fato de contar com características frágeis. O que levanta a necessidade de uma sociologia da infância, redefinindo o conceito de criança, considerando-a um ator social que participa ativamente das interações, dos processos de transformação da realidade, e que possuem uma vida cotidiana que compreende diferentes esferas. “A criança deve se tornar ela mesma, e possuir os meios para isso.” (SIROTA, 2001, p. 18).

Soma-se a essas considerações a proposição de Wenzel (2005) que ressalta a infância como um processo social e histórico, caracterizado por diferentes modos

relacionados a sociedade e a cultura em que está inserida, “[...] também sendo-lhe atribuídos significados distintos.” (p.40).

Na mesma linha de pensamento, Benjamin (2002) aconselha a pensar na criança levando em consideração as peculiaridades dessa fase, pois “[...] demorou muito tempo até que se desse conta que as crianças não são homens ou mulheres em dimensões reduzidas” (p. 86), mas seres humanos em processo crescente de aprimoramento.

Partindo dessa visão sobre a infância, Rechia (2003) salienta que as experiências vivenciadas nessa fase em espaços públicos se configuram como um pulsar da vida infantil no meio urbano, os quais são ambientes privilegiados para potencializar alguns valores éticos imprescindíveis ao exercício da cidadania. Laufer acrescenta que:

O lazer na infância merece um especial cuidado, pois, a criança dispõe de muito tempo livre e porque a infância é a fase onde se adquire as habilidades motoras, bem como a formação de hábitos de convívio social (...). Todas as crianças têm o direito de desfrutar do lazer. Elas precisam brincar para o desenvolvimento da aprendizagem, mobilidade e comportamento. Do mesmo modo, o ambiente deve proporcionar segurança e conforto para que a criança desenvolva todo o seu potencial sem riscos. (2001, p.16 -19)

Bruhns, citada por Laufer (2001, p. 23), acrescenta ainda sobre os espaços de lazer na infância destacando que:

os equipamentos aparecem numa ordem crescente de envolvimento, por exemplo, a escola maternal, o playground, os clubes associativos, as quadras esportivas escolares, as associações de bairros, os parques e as praças públicas.

Para Jacobs (2000, p. 88):

As crianças da cidade precisam de uma boa quantidade de locais onde possam brincar e aprender [...], no entanto precisam de um local perto de casa, ao ar livre, sem um fim específico, onde possam brincar, movimentar-se e adquirir noções de mundo.

Os espaços públicos de lazer da cidade podem ser considerados adequados ao lazer infantil, desde que ofereçam segurança, sejam próximos da residência das crianças e possibilitem a vivência de práticas lúdicas. Essa questão está relacionada

com o planejamento e a manutenção desses locais. No caso da cidade de Curitiba, esses espaços e equipamentos de lazer são padronizados, segundo Rechia (2009, p.79) fazem parte de:

[...] uma nova linha de projetos paisagísticos urbanos, concretizados com a implantação de quadras esportivas, playgrounds e pistas de caminhada nas praças.

Destaca-se que,

Embora o planejamento dos espaços seja de fundamental importância para oportunizar experiências no âmbito do lazer e dos esportes, essas intervenções deverão estar sempre que possível conectadas às políticas públicas que realmente atendam aos anseios do cidadão. (Rechia 2005, p. 61)

Sendo assim infere-se a importância da conexão entre planejamento, gestão e apropriação dos espaços públicos de lazer, para atender as necessidades da infância, visto que são “[...] as pessoas que dão utilidades aos parques e fazem deles um sucesso, ou então não os usam e os condenam ao fracasso.” (JACOBS, 2000, p. 97).

### **O lazer: um conceito multifacetado**

Muitas são as dificuldades em se definir o termo lazer, por esse ser um fenômeno dinâmico, com dimensões diversificadas inseridas nas transformações que ocorrem na sociedade como um todo. Mas, algumas características apontadas pelos diferentes autores, mesmo que divergentes, podem auxiliar na busca pela compreensão deste fenômeno em uma perspectiva sociológica. Desde que, seja visto como um conceito em aberto.

Sendo assim “[...] tendo como parâmetro sua inserção na análise da dinâmica cultural da sociedade moderna” (BRUHNS, 1997, p.35), pode-se aproximar uma noção de lazer “a um estado de tranquilidade e serenidade, o qual permeia a vida como um todo, não sendo possível sua realização em determinado tempo.” (*idem*, 2009, p.79). Além disso, ao copilar as idéias de De Grazia, a mesma autora aponta o lazer como um estado de desobrigação, no qual não temos a necessidade

de estarmos ocupados, e nessa situação poderíamos exercitar a imaginação “ tanto em um sentido positivo de construção quanto negativo de destruição” (*idem, ibidem*, p.80). Acrescenta ainda como característica do lazer uma forma de conectar-se com a realidade, nesse sentido seria:

independente de qualquer utilidade, necessidade ou finalidade. Soberano é o que não serve para nada não sendo finalizável por meio de uma ordem produtiva. Seu presente não está subordinado ao futuro e o instante brilha de forma autônoma. Pertence a ordem do jogo e não a do trabalho. (BRUHNS, 2009, p.90).

Corroborando com esta perspectiva, Marcassa e Mascarenhas (2000, p. 255) apontam o lazer como um tempo e espaço de organização da cultura, que cria e recria um novo circuito de práticas culturais lúdicas e educativas. Pinto, citado por Gomes, acrescenta ainda o lazer como “espaço privilegiado para a vivência lúdica no qual o prazer é a conquista da experiência da liberdade”. (GOMES, 2004, p.123). E exemplifica este fenômeno como “a vivência de inúmeras práticas culturais, como o jogo, a brincadeira, a festa, o passeio, a viagem, o esporte e também as formas de arte, dentre outras varias possibilidades” (*idem*, p.124).

Sendo assim, o lazer pode ser entendido como um fenômeno da modernidade caracterizado por:

[...] uma dimensão privilegiada da expressão humana dentro de um tempo conquistado, materializada através de uma experiência pessoal criativa, de prazer e que não se repete no tempo/espaço, cujo eixo principal é a ludicidade. Ela é enriquecida pelo seu potencial socializador e determinada, predominantemente, por uma grande motivação intrínseca e realizada dentro de um contexto marcado pela percepção de liberdade. É feito por amor, pode transcender a existência e, muitas vezes, chega a aproximar-se de um ato de fé. Sua vivência está relacionada diretamente às oportunidades de acesso aos bens culturais, os quais são determinados, via de regra, por fatores sócio-políticos e influenciada por fatores ambientais. (BRAMANTE, 1998, p.9)

Essa definição evidencia a perspectiva da sociabilidade relacionada a todos os sentimentos e experiências próprios da ação lúdica, além de tematizar o direito ao lazer, ressaltado nesse segundo caso a necessidade de possibilitar o acesso a todos aos bens culturais.

Segundo Marcellino (1995), verifica-se o lazer como um duplo processo educativo, na perspectiva de lazer como veículo e como objeto da educação. Sendo



que, o sentido “para o lazer” pode ser expresso pela capacidade de escolha e pela possibilidade do indivíduo vivenciar e experienciar o lazer, o que pode acabar gerando novas sensibilidades. No sentido de “pelo lazer”, este fenômeno é utilizado como caminho possível para novas reflexões, novas formas de educação, e pelo favorecimento do entendimento do lazer como um direito.

Outro conceito de lazer que pode contribuir para esta reflexão é o apontado por Mascarenhas (2003, p.97), no qual o lazer é compreendido como: “um fenômeno tipicamente moderno, resultante das tensões entre capital e trabalho, que se materializa como um tempo e espaço de vivências lúdicas, lugar de organização da cultura, perpassando por relações de hegemonia”. Nesse processo, os indivíduos têm papel ativo na construção e reconstrução dos significados atribuídos ao lazer, pois são parte do movimento de transformação da sociedade, influenciando e sendo influenciados através da cultura.

O lazer está inserido nas relações de uma sociedade, configurando-se tanto pelas relações objetivas das atividades produtivas da existência humana quanto pelas relações subjetivas e toda produção simbólica que delas emergem. Nesse sentido, corroborando com Mascarenhas, (2004, p.13) que propõe “[...] acreditamos no lazer como força de reorganização da sociedade, agência educativa capaz de fomentar e colaborar para a construção de novas normas, valores e condutas para o convívio entre os homens.” Infere-se que o tempo/espaço de lazer na modernidade, é uma possibilidade privilegiada para a construção de novas sociabilidades, novas subjetividades e novas formas de pensar e fazer política.

No caso da infância, a vivência do lazer pode ser considerada como o tempo do brincar, esse entendido a partir da definição feita por Santín (2001). Segundo esse autor, o brincar é o lúdico em ação, composto de cinco elementos interdependentes: (1) A capacidade de simbolizar, que é a possibilidade de criar e recriar brinquedos e brincadeiras, atribuindo valor ou significado pela intencionalidade humana, transformando-as em símbolos. (2) A criatividade, entendida como uma maneira de resistir às imposições da ordem racional, inimiga maior das “desordens” da fantasia, e uma garantia para que o adulto preserve seu potencial inovador e lúdico. (3) A liberdade relacionada a expressão. (4) A

gratuidade, pois a brincadeira deve bastar em si, o que importa é o processo vivido. (5) A alegria, único produto que pode ser esperado da vivência da brincadeira, pois “quem brinca sente-se possuído pela alegria de estar fazendo o que faz”. (Santín, 2001, p.27). Essa ação lúdica precisa dos chamados espaços lúdicos para acontecer, e os espaços só se tornam lúdicos através da apropriação pelos sujeitos, no caso as crianças através da brincadeira.

Esse lúdico, na opinião de Bruhns (2009, p.81), deve ser considerado “presente na noção de cultura, devendo ser garantido na leitura da realidade. Espaço esse surgido na elaboração, pelos homens, de um sistema simbólico, constituidor e constituído da e pela ação social.”

Esses momentos de vivência do lúdico na infância têm um significado especial, pois segundo Marcassa e Mascarenhas (2005, p. 257):

as crianças, por meio da atividade lúdica, interpretam e ressignificam o mundo que as cerca, que os adultos tecem suas relações sociais e renovam valores e comportamentos que fundamentam os princípios éticos, estéticos e políticos que regem a sociedade.

A partir dessas afirmações emerge a importância da vivência do lazer na infância.

## **A cidade**

A decomposição do todo leva-nos ao traço mais característico do conhecimento, sendo que a divisão da totalidade é a história de uma cidade, pois somente nessa perspectiva não relega-se o movimento. Kosik citado por Santos (2008, p.118)

A cidade é uma mistura de paisagens, espaços, tempos, modos de vida, relações, sociabilidades. É neste aparente caos que são vivenciados, cotidianamente, diferentes perspectivas humanas como: trabalho, política, consumo, cultura, lazer. Corroborando com esta perspectiva, Jacobs (2001) relaciona o conceito em tela com a diversidade, sendo a cidade geradora e ao mesmo tempo gerada pela combinação de espaços, usos, tempos, tentativas e erros. Já segundo Lefebvre (2001), foi na cidade que se intensificou o processo de divisão do trabalho, acentuando a divisão da cidade/campo. Nesse sentido, segundo o mesmo autor, a cidade pode ser compreendida como um produto focalizando o seu valor de troca,

ou como uma obra com seu valor de uso<sup>22</sup>, decorrente das formas de relação e apropriação pelos indivíduos.

No primeiro caso é possível entender a cidade como um objeto se tomarmos:

[...] o termo “produção” num sentido amplo (produção de obras e produções de relação sociais), houve na história uma produção de cidades assim como houve uma produção de conhecimentos, de cultura, de obras de arte e civilização, assim como houve, bem entendido, produção de bens materiais e de objetivos prático sensíveis. (LEFEBVRE, 2001, p.53)

Nesse sentido podemos incluir os espaços de esporte e lazer como essa espécie de produto, visto ainda que devam ser espaços ditos produtivos.

Por outro lado a cidade pode ser fruto da obra de seus agentes, de uma constante criação e (re) criação, de forma mais prático-sensível. Nesse caso a cidade emerge da ação dos próprios cidadãos.

Uma das funções das cidades é promover “[...] os contatos interessantes, proveitosos e significativos entre os habitantes” (JACOBS, 2000, p. 59), neste contexto as ruas, calçadas, praças e parques têm um papel fundamental. Porém, para que as pessoas se relacionem nesses espaços é necessário que tenham “confiança” e possibilidade de escolha (*idem*, p.60). Esse sentimento só é gerado após contatos nas próprias ruas, tornando o ambiente e as pessoas conhecidas. É um processo que só acontece na prática, e que pode contribuir para o desenvolvimento de uma identidade pública das pessoas. Relacionando esse contato público e a segurança nas ruas, JACOBS (2002, p.77) aponta uma “... relação direta com o mais grave problema social do nosso país: segregação e discriminação racial”. O que pode ser percebido até quando selecionamos os vizinhos que teremos, ou quando escolhemos por quais ruas andar ou não.

Outro ponto levantado é o fato da cidade parecer diferente para cada sujeito. Jacobs afirma que para enxergar a totalidade da vida humana em sua imensa variedade é necessário ir além dos usos isolados das cidades, ou seja, “para compreender as cidades, precisamos admitir de imediato, como fenômeno

---

<sup>22</sup> Segundo Lefebvre(2001) a cidade possui um valor de uso, compreendendo a cidade como uma obra de seus cidadãos dotada de sentidos e significados relacionados a uma comunidade em especial, porém com a mercantilização da cidade é atribuído também um valor de troca este que a transforma em produto.

fundamental, as combinações ou as misturas de usos, não os usos separados.”  
(*idem*, p.158)

A cidade é um espaço que deverá possibilitar a diversidade urbana, através da constituição de lugares, a partir dos sentidos e significados atribuídos a estes pela população, possibilitando uma rica dinâmica na sociedade. Nas palavras de Jacobs “a cidade é isso – detalhes que se complementam e se sustentam mutuamente. (2000, p.435)

Segundo Lefebvre (2001) ao analisar uma cidade tem-se continuidades e descontinuidades. As continuidades tendem a ocultar temporariamente algumas características específicas de ordem global, como a industrialização. Já as descontinuidades marcam o local, o diferente, o peculiar resultado das interações entre as relações sociais mais gerais e as relações imediatas dos indivíduos e dos grupos.

Produzir, neste sentido, é criar, é fazer o descontínuo. E o estudo dos fenômenos urbanos é o desvendar das continuidades e descontinuidades a fim de superar obstáculos e dilemas, compreendendo que existem processos globais, mas também brechas ao nível de relações imediatas, pessoais e interpessoais:

Entre as fissuras de uma “realidade” que muito freqüentemente é considerada como um ovo ou como uma página inteiramente escrita, a análise pode agora perceber por que e como processos globais (econômicos, sociais, políticos, culturais) modelaram o espaço urbano e a cidade, sem que a ação criadora decorra imediata e dedutivamente desses processos. (Lefebvre, 2001, p.57)

Essas brechas influenciam os tempos e os espaços urbanos, permitindo que grupos diversificados se apropriem deles. Graças a esse processo “a cidade não pode ser concebida como um sistema significante, determinado e fechado enquanto sistema” (LEFEBVRE, 2001, p. 59), mas sim como propõe o autor como uma primeira definição:

[...] como sendo projeção da sociedade sobre um local, isto é, não apenas sobre o lugar sensível como também sobre o plano específico, percebido e concebido pelo pensamento, que determina a cidade e o urbano. (*idem*, p.62)

A cidade tem códigos de funcionamento relacionados ao poder de decisão, sobre os quais se projeta a estrutura social. Além das características peculiares de cada cidade. Mesmo com diversas manifestações da vida urbana é possível perceber espaços desabitados e mesmo inabitáveis, tais como: edifícios públicos, monumentos, praças, ruas, vazios grandes ou pequenos. Esses podem ser considerados os vazios do cotidiano. Então a cidade é composta por habitat (mais relacionados a estrutura, de uma forma mais geral), e por espaços de vida privada, os quais dotados de sentido e significado envolvem o habitar, este último que é mais singular.

Uma possibilidade para que a vida urbana fosse mesmo um conjunto de diferenças, é que no urbano fossem encontrados os significados que procuramos, ou seja, atribuídos sentidos aos espaços, ou ao uso desses na cidade, construindo um modo de viver urbano, colocando em foco a realização efetiva da sociedade urbana.

### CAPÍTULO III - A CIDADE DE CURITIBA

O espaço da cidade pode ser visto, segundo Jacobs (2000, p.5) como “laboratório de tentativa e erro, fracasso e sucesso, em termos de construção e desenho urbano.” Porém, podemos inferir que no processo de desenvolvimento urbano podem ser gerados problemas que parecem não possibilitar um novo tempo ou chance, sendo irreversíveis, como é o caso de alguns problemas ambientais e sociais. Mas, e a cidade de Curitiba? Quais os conceitos e contradições que a permeiam? Por que é nacional e internacionalmente reconhecida como “cidade-modelo”, “cidade ambientalmente correta”, “capital ecológica”, “capital social”, entre outras, denominações<sup>23</sup>?

Para compreender tais “rótulos” faz-se necessário compreender o planejamento e a gestão da cidade de Curitiba, através de uma breve análise do processo histórico/cultural da cidade, realizada a partir da pesquisa de Rechia (2003).

As primeiras intervenções urbanas ocorreram em função da emancipação política do Paraná, em 1853, quando Curitiba se transformou na nova capital da Província do Paraná. O desenvolvimento urbano teve início com a inauguração da estrada de ferro Curitiba-Paranaguá, adotando-se na íntegra o modelo francês de urbanismo e planejamento - cidades-jardins<sup>24</sup>.

Com o aumento populacional, em 1895, foi criado o Código de Posturas de Curitiba. Um instrumento para a manutenção da ordem da cidade que previa padrões de higiene, aperfeiçoamento da estrutura da cidade, estimulando o plantio de árvores e estabelecia regras para a coleta de lixo. Além disso, a legislação previa uma praça integrada próxima a um conjunto de ruas, destinada ao lazer.

---

<sup>23</sup>Mais informações in: RECHIA, S.. **Parques públicos de Curitiba: A relação Cidade – Natureza nas experiências de lazer** (tese de Doutorado). UNICAMP, 2003,

<sup>24</sup>Segundo Rechia, o modelo francês de cidades-jardins conceituava as cidades planejadas para uma vida saudável e para a indústria, “de tamanho suficiente para permitir uma plena vida social, mas não grande demais, rodeada por um cinturão verde, que não somente se preocupa com as residências, mas com o meio ambiente total, integrado, no qual as pessoas possam viver, trabalhar e se divertir.” (2003, p.69)

Em 1943, a cidade passou por um novo processo de transformação em sua estrutura urbana, através da criação de um planejamento urbano diferenciado, o Plano Urbanístico Agache, realizado pelo engenheiro francês Alfred Agache. Esse plano estabeleceu normas técnicas e diretrizes, com o objetivo de ordenar o crescimento físico, urbano e espacial da cidade – através do disciplinamento do tráfego, organização das funções urbanas, zoneamento específico. Desta forma, segundo França (2007), a cidade foi pensada como um conjunto arquitetônico fundamentado sobre o tripé saneamento, sistema viário e uso do solo, procurando a integração da habitação, circulação, trabalho e recreação.

Em 1965, por uma concorrência pública, a empresa Serete Engenharia S.A. em associação com o escritório de arquitetura de Jorge Wilhem, ambos de São Paulo, criaram um plano preliminar de urbanismo para a cidade de Curitiba. Este plano buscou a especialização funcional dos espaços da cidade, através dos zoneamentos. Assim como propôs revitalização dos espaços públicos tradicionais da cidade, e a criação de novos pontos de encontro para seus habitantes. Em paralelo, enfatizaram o transporte coletivo, desestimulando o transporte individual.

A partir dos anos 70, a cidade foi marcada por inovações urbanísticas com a implantação deste plano, com pequenas alterações, através das ações do IPPUC (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba, no período de 1971 a 1983, correspondente às administrações do prefeito da ARENA, Jaime Lerner). Foi neste momento que a cidade passou por suas maiores transformações física, econômico-social e cultural.

A transformação social se fez com a promoção de uma identidade própria para a cidade, baseada em referenciais urbanos. Inicialmente, foram utilizados instrumentos que buscavam a revitalização dos setores tradicionais e históricos da cidade, além de um programa cultural que conectava lazer e cultura por meio da apropriação de parques públicos. Para tanto, a prefeitura promoveu uma criação acelerada de novos espaços de cultura e lazer na cidade. Salientando ainda como parte essencial deste projeto – vias estruturais, criação da CIC (Cidade Industrial de Curitiba), “pedestriização” do centro, criação do setor histórico, parques e áreas verdes, ônibus expressos.

Nos anos 80, a participação popular aumentou e a cidade se voltou às ações sociais, promovendo iniciativas nas áreas de meio ambiente, educação, saúde, transporte, habitação, geração de emprego e renda. Essas e outras ações nomearam a cidade como “capital ecológica”, e o urbanismo aplicado passou a se chamar urbanismo ecológico. Segundo Menezes (1996), citado por Ribeiro (2005, p.53), com esta idéia “[...] procurou-se criar no imaginário da população um sentido de ‘identificação’ com a cidade, um sentido de orgulho em ‘pertencer’ à cidade de Curitiba”. Corroborando com este autor, Rechia (2003) também fala do sentimento de pertencimento à cidade.

Nos anos 90, Curitiba manteve um intenso crescimento populacional, observado desde os anos 70, o que gerou a necessidade de repensar o planejamento urbano, em função da ocupação das áreas ao sul da cidade. Tornou-se necessário ampliar o número de escolas, creches, unidades de saúde e programas sociais. Mas, segundo Rechia (2003) manteve-se a preocupação com áreas verdes, transformando-as em espaços para a potencialização da cultura local e para o lazer comunitário.

No entanto, Rechia (2003, p. 88) citando Pereira (2001), afirma que embora Curitiba seja considerada um modelo de “cidade ecologicamente correta”, “demonstra as contradições da produção do espaço que se baseia em um conceito de ‘progresso’ urbano que contém em si mesmo sua negação: a qualidade de uma área é medida em contradição à precariedade de outras”.

### **O bairro Uberaba**

Jacobs (2000) aponta que os bairros são órgãos autogeridos e acredita que são três os modelos de bairro que dão certo: (1) a cidade como um todo, que seria um grande bairro, (2) a vizinhança de rua que possui as características de uma grande família e (3) os distritos extensos. Neste caso, a autora aponta como aspecto positivo a capacidade das cidades em formar comunidades com interesse comum e o papel dos distritos como mediadores entre a cidade e as vizinhanças. Já para Certeau et al bairro é,



um domínio do ambiente social, pois ele constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano, na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido. Pode-se, portanto, apreender o bairro como esta porção do espaço público em geral (anônimo, de todo o mundo) em que se insinua pouco a pouco um espaço privado particularizado pelo fato do uso quase cotidiano deste espaço. (1996, p.40)

Segue uma descrição do bairro Uberaba e peculiaridades de seu processo de formação, sem perder a idéia geral da cidade de Curitiba.

A palavra Uberaba significa água que brilha e foi utilizada em referência ao Rio Belém que corta a região de Curitiba.

A ocupação da região do Uberaba data do século XVIII. Essa possuía como característica econômica: pequenas plantações e criação de gado. Segundo Fenianos (2001), a área que hoje abriga o bairro foi inicialmente a sesmaria ou sítio de Antonio Rodrigues Sid, que faleceu em 1704. Os moradores foram chegando lentamente e em 1853 o Quarteirão<sup>25</sup> do Uberaba teve seu primeiro registro, a lista de votantes.

A vida era simples e pacata. As poucas casas eram feitas de troncos e tinham o chão batido (de barro) [...] Os desertos descampados e a mata virgem eram cortados por trilhas simples, caminhos para tropeiros que iam e vinham de São José dos Pinhais e Santa Catarina. (FENIANOS, 2001, p.20)

O bairro era cortado pela trilha dos tropeiros que iam ou vinham de São José dos Pinhais e Santa Catarina, estrada hoje chamada Avenida Senador Salgado Filho. Na planta de Curitiba, em 1914, o Uberaba aparece em uma região que atualmente corresponderia aos bairros Alto da XV, Cristo Rei, Tarumã e Jardim Botânico.

Data de 1915, o mapa de Curitiba que mais se aproxima do território que a cidade possui atualmente. Nesse observa-se que grande parte do território do bairro já estava sendo dividida em loteamentos, assumindo aos poucos forma semelhante a atual área loteada.

Nos anos 40, uma linha de ônibus passou a atender a região, a qual ligava a Praça Tiradentes a São José dos Pinhais. Nesta época, os moradores já afirmavam a existência de “dois Uberabas”. O Uberaba de Cima, que por sua proximidade com

---

<sup>25</sup> Como eram denominados os territórios demarcados como bairro na época.

o Boqueirão (um reduto de leiterias), era utilizado para a lavoura e criação de gado leiteiro. E o Uberaba de Baixo, considerado um grande banhado, de onde era retirada areia para as edificações do centro da cidade.

Uma das formações étnicas do bairro foi a japonesa. Os imigrantes japoneses se encontravam na cidade desde a década de 30 para trabalhar na lavoura. Em 1945, foi escolhido como local para sediar um clube de amigos, hoje conhecido como *Nikkei Clube*.

Nos anos 70, o Uberaba apresentava características das zonas campestres do Paraná, em que as vacas pastavam em torno das chácaras e muitas ruas eram vistas como estradas vicinais ou alimentadoras da Avenida Salgado Filho.

Somente no final dos anos 80, adquiriu o desenho que têm hoje, com sobrados e conjuntos comerciais, resultado dos loteamentos organizados pelas famílias Camargo e Mehl. Apesar do aparente progresso do bairro, nos jornais<sup>26</sup> já eram noticiados problemas urbanos tais como "... valetas a céu aberto, as falhas na coleta do lixo e a falta de pavimentação em muitas ruas" (FENIANOS, 2001, p.30); e de segurança pública, com destaque para os constantes assaltos.

Em 1995, o bairro do Uberaba já era caracterizado pela sua extensão e seus paradoxos, com vacas pastando ao lado de automóveis; e condomínios residenciais bem estruturados, dividindo o território com invasões.

Atualmente, o que vemos é uma região com as características de loteamento, porém, com problemas de urbanização devido à ocupação irregular.

### **A região delimitada para pesquisa: Bolsão Audi- União**

A região do bairro Uberaba, foco desta pesquisa, está inserida no Bolsão de pobreza Audi-União. As localidades selecionadas nesse contexto para esta pesquisa foram: Jardim das Torres, Moradias Itiberê, Moradias Cairo e Jardim Alvorada. A região foi escolhida após inúmeras visitas, por apresentar espaços com características semelhantes.

---

<sup>26</sup> Em consulta ao acervo da Casa da Memória de Curitiba foram encontradas reportagens abordando os problemas urbanos do bairro Uberaba, nas décadas de 70,80 e 90 nos seguintes jornais: Correio de notícias 31/03/1979 e Jornal do estado 19/07/1997.

Para melhor compreender a realidade social da região pesquisada recorreu-se ao banco de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mais precisamente, ao censo demográfico<sup>27</sup>. A análise dessas informações torna-se relevante ao permitir a comparação do universo tablado e sua inserção no bairro, e no município como um todo, captando as suas peculiaridades e, principalmente, as suas vulnerabilidades; além de possibilitar, conhecer a realidade sócio-econômica da comunidade local por intermédio de informações tais como: condições do domicílio, renda e escolaridade.

Os dados mais recentes, que contemplam a região, referem-se ao Censo Demográfico realizado em 2000. Entretanto, há que observar que, aparentemente, a ocupação desta região já estava consolidada nessa data e não ocorreram transformações capazes de alterar as principais tendências captadas.

Da ampla gama de dados ofertados pelo Censo Demográfico, a análise restringiu-se às informações de Agregados de Setores Censitários<sup>28</sup>, que têm por base os dados coletados no universo dos domicílios. Por isso, não contempla variáveis, como mercado de trabalho, que foram pesquisadas apenas numa amostra de 25%.

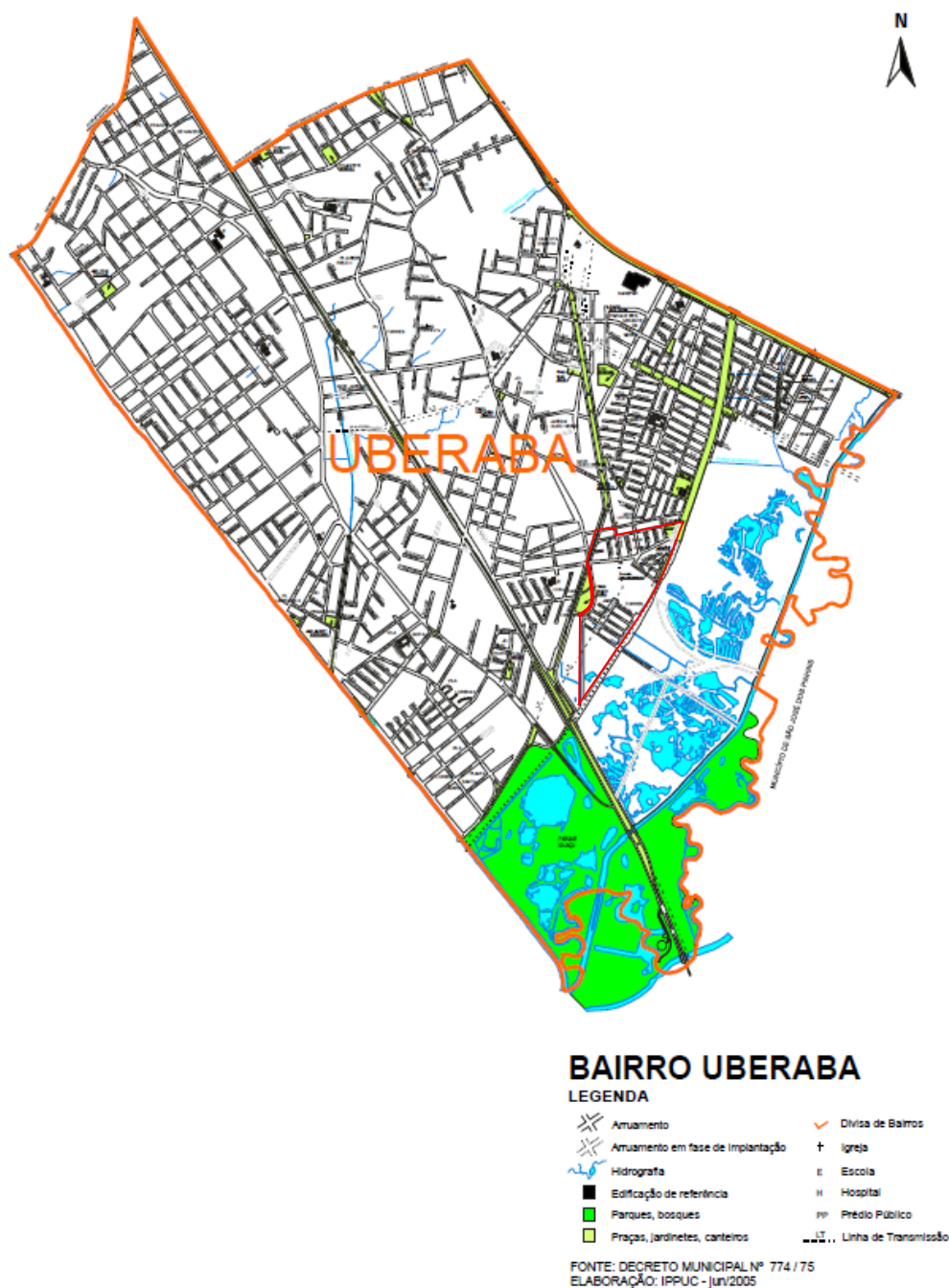
A área selecionada especificamente para pesquisada contempla três setores censitários, integrantes do bairro Uberaba, designados pelos códigos: 410690205030157, 410690205030158 e 410690205030159. Conforme mostra o mapa a seguir:

---

<sup>27</sup> Os dados apresentados foram sistematizados com auxílio da acadêmica Mariana C. Maranhão, e integram a monografia de conclusão de curso pela autora co-orientada, intitulada: **Espaços públicos de esporte e lazer na periferia de Curitiba: uma questão de (des)apropriação**. (Monografia de conclusão de curso Universidade Federal do Paraná Licenciatura em Educação Física, 2009.)

<sup>28</sup> Por setor censitário, o IBGE classifica “a menor unidade territorial, com limites físicos identificáveis em campo, com dimensão adequada à operação de pesquisas e cujo conjunto esgota a totalidade do Território Nacional, o que permite assegurar a plena cobertura do País” (IBGE, 2003, p. 3).

Figura 1: Mapa do bairro Uberaba com área pesquisada em destaque



**IPPUC - INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA**  
 SUPERVISÃO DE INFORMAÇÕES  
 Rua Bom Jesus, 669 - Cabral - Curitiba - Paraná - CEP 80.035-010 - Fone: (55 41) 3250-1414 - Fax (55 41) 3254-8661 - E-mail: geo@ippuc.org.br  
 SETOR DE GEOPROCESSAMENTO

Fonte: IPPUC. Curitiba em Dados, 2005.

Dos setores em tela, destaca-se o setor censitário 30159 (Figura 2). Esse foi classificado como setor especial de aglomerado subnormal, ou seja, “conjunto



A proximidade à ferrovia é característica de grande parte das áreas de ocupação irregular em Curitiba, isso pode ser verificado no entorno do setor censitário em questão. A maioria das invasões de áreas públicas, com fins de moradia, ocorreu nos anos 80 e 90, devido à combinação de crise econômica e redução das disponibilidades financeiras dos estados e municípios para investimentos em habitação.

Os outros dois setores, 30157 e 30158, não foram objetos do mesmo tipo de classificação por parte do IBGE.

Para caracterizar esta região, tomou-se por base informações dos domicílios, dos moradores e dos responsáveis pelos domicílios<sup>29</sup>. No que diz respeito aos domicílios, foram consideradas variáveis referentes ao tipo e condição de uso, acesso a saneamento básico e número de moradores.

A maior parte das moradias foi classificada como casa (92,2%), havendo também uma elevada proporção de cômodos (7,8%), principalmente associada à forma de ocupação da região. Essa participação dos cômodos, como forma de habitação, era superior à média do bairro e do município de Curitiba.

A condição de uso indica que há na região em estudo uma proporção relativamente elevada de imóveis cedidos sob outra forma (10,2%), resultado provavelmente do processo de ocupação irregular. A maioria dos imóveis foi classificada como próprios, quitados (57,2%) ou em aquisição (26,1%). Os imóveis alugados representavam apenas 5,2%, percentual inferior à média de Curitiba e Uberaba.

As informações de saneamento básico assentadas no Censo Demográfico referem-se à cobertura dos serviços de água, esgoto e coleta de lixo. No caso de esgotamento sanitário, o acesso à rede geral não necessariamente significa tratamento do esgoto.

Dos 748 domicílios existentes na área pesquisada, apenas um não tinha acesso ao abastecimento de água via rede geral. Ou seja, mesmo parte das

---

<sup>29</sup> O IBGE define “responsáveis pelo domicílio” como “pessoa responsável, para o homem ou a mulher responsável pelo domicílio particular permanente ou que assim era considerado (a) pelos demais moradores” (IBGE, 2003, p. 13).

edificações sendo construída em área de ocupação irregular, tem acesso à rede geral de água.

O esgotamento sanitário era acessível a 72,5% dos domicílios. Entre os demais, 15,9% possuíam fossa séptica, provavelmente associado a ocupações mais antigas e à inexistência de tratamento de esgoto na região naquele momento. Chama atenção a elevada proporção de domicílios que destinam seu esgoto via vala, o que contribui para deteriorar as condições de vida da população local. Este procedimento pode estar associado também à forma de ocupação da área.

Por fim, no que se refere às condições de moradia cabe destacar que a maior parte dos domicílios possuía coleta pública de lixo, seja através dos serviços de limpeza (97,1%), seja através de caçamba (2,5%). Pode-se, assim, considerar que a população tem acesso à maior parte dos serviços públicos essenciais.

Quanto ao número de moradores, conforme demonstra a tabela a seguir, havia em 2000 uma proporção relativamente maior de famílias, com maior número de pessoas, na área pesquisada, quando comparado ao bairro Uberaba e à Curitiba. Os domicílios com cinco ou mais moradores representavam 28,7% na área em estudo, 23,5% no bairro e 20,3% em Curitiba. Além do processo de ocupação ser mais recente, em relação à média do bairro e de Curitiba, esta característica pode estar associada à presença mais elevada de migrantes recentes e de origem mais rural, em que o padrão do número de filhos é mais elevado.

**Tabela 1: Domicílios particulares permanentes e participação relativa por número de moradores na área pesquisada, bairro Uberaba e Município de Curitiba – 2000.**

Número de moradores	Área Pesquisada		Bairro Uberaba		Município de Curitiba	
	Absol.	%	Absol.	%	Absol.	%
1	88	11,8	1.538	9,0	53.063	11,3
2	84	11,2	3.100	18,2	97.186	20,6
3	157	21,0	4.171	24,4	113.811	24,2

4	204	27,3	4.250	24,9	111.369	23,6
5	111	14,8	2.378	13,9	58.853	12,5
6	49	6,6	944	5,5	22.242	4,7
7	29	3,9	389	2,3	8.260	1,8
8	10	1,3	152	0,9	3.472	0,7
9	7	0,9	75	0,4	1.555	0,3
10 e +	9	1,2	67	0,4	1.345	0,3
Total	748	100,0	17.064	100,0	471.156	100,0

Fonte: IBGE. Censo Demográfico, 2000.

A população residente em 2000 era de 2.844 pessoas, sendo 1.379 homens e 1.465 mulheres. A média de moradores por domicílio era de 3,8 pessoas, superior à média do Uberaba, 3,5, e de Curitiba, 3,4. A pirâmide etária, importante instrumento de avaliação da demanda por serviços públicos essenciais, como saúde e educação, aponta no caso da área pesquisada uma base mais alargada. A população com até 14 anos representava, em 2000, 32,1% do total da área pesquisada, enquanto no bairro era 29,5% e em Curitiba, 24,9%. Isto sugere a necessidade de maiores investimentos em educação e saúde infanto-juvenil na área pesquisada em relação ao Uberaba e Curitiba.

Por outro lado, os mais idosos ainda representam uma parcela relativamente menor dos moradores, quando comparada com o bairro e Curitiba. Enquanto no município a proporção de pessoas com mais de 65 anos era de 5,7%, no bairro Uberaba, 4,1%, e na área pesquisada, 2,7%. Desta forma, apesar do processo conhecido como envelhecimento da população já ocorrer em Curitiba, ainda é muito incipiente na região estudada.

Os indicadores de rendimento e de escolaridade estão disponíveis para os responsáveis pelos domicílios em 2000. Apesar de não abranger todos os membros das famílias, fornece indicações do grau de vulnerabilidade social da população em estudo e sua dependência de políticas públicas.



A distribuição dos rendimentos mostrou-se concentrada nas menores faixas de remuneração, destacando-se a elevada proporção de responsáveis sem rendimentos. Desta forma, enquanto na área estudada a proporção de responsáveis sem rendimentos era de 19,3%, no bairro reduzia para 8,6% e no município, 5,9%. Essa informação, associada à presença de uma população infanto-juvenil relativamente mais expressiva, aponta a existência de um grau mais elevado de vulnerabilidade social.

Já entre aqueles que recebiam alguma remuneração, a diferença entre a região e o bairro não era tão expressiva nas menores faixas de remuneração. Apenas havia maiores discrepâncias nas faixas de maior remuneração. Há que observar que, essa não é a única área com ocupações irregulares e maior grau de vulnerabilidade existente no bairro Uberaba.

As informações relativas a anos de estudo, enquanto indicador de escolaridade, são importante fonte de análise sobre as possibilidades de inserção no mercado de trabalho e estão relacionadas à remuneração obtida. De um modo geral, os responsáveis pelos domicílios da área estudada apresentavam menor escolaridade em relação ao bairro e a Curitiba. Sistemáticamente, para as menores faixas de escolaridade era mais elevada a participação na área estudada. Havia, inclusive, uma participação superior a 50% dos responsáveis sem ensino fundamental completo. Atualmente, o ensino médio completo é um dos pré-requisitos para a inserção mais qualificada no mercado de trabalho. Isto significa que a garantia de acesso à escola é condição fundamental para reduzir o grau de vulnerabilidade da população estudada.

Há que observar que as maiores diferenças ocorrem a partir de onze anos de estudo, principalmente nos indicadores de curso superior completo e incompleto (acima de 11 anos). Mesmo considerando o bairro Uberaba como um todo, havia diferenças com relação à média municipal.

**Tabela 2: Responsáveis pelos domicílios e participação relativa, por anos de estudo, na área pesquisada, bairro Uberaba e Município de Curitiba – 2000.**

Escolaridade/anos de estudo	Área Pesquisada		Bairro Uberaba		Município de Curitiba	
	Absol.	%	Absol.	%	Absol.	%
S/instrução ou menos de 1 ano de estudo	45	6,0	2.953	5,4	19.404	4,1
1 ano	20	2,7	1.608	2,9	11.796	2,5
2 anos	36	4,8	1.959	3,6	14.314	3,0
3 anos	46	6,2	2.794	5,1	20.620	4,4
4 anos	144	19,4	8.995	16,4	69.527	14,8
5 anos	57	7,7	2.747	5,0	20.501	4,4
6 anos	33	4,4	1.509	2,8	11.111	2,4
7 anos	32	4,3	2.182	4,0	16.392	3,5
8 anos	121	16,3	6.787	12,4	52.810	11,2
9 anos	15	2,0	1.063	1,9	8.653	1,8
10 anos	23	3,1	1.731	3,2	13.835	2,9
11 anos	144	19,4	11.848	21,6	100.565	21,4
12 anos	2	0,3	771	1,4	8.118	1,7
13 anos	4	0,5	892	1,6	9.097	1,9
14 anos	2	0,3	939	1,7	11.325	2,4
15 anos	14	1,9	3.620	6,6	42.589	9,1
16 anos	3	0,4	1.660	3,0	28.075	6,0
17 anos ou + anos	3	0,4	775	1,4	11.282	2,4
Total	744	100,0	54.833	100,0	470.014	100,0

Fonte: IBGE. Censo Demográfico, 2000.

Pode-se, assim, caracterizar a população residente na área pesquisada como apresentando baixa escolaridade, baixa remuneração e maior número de moradores por domicílio. A população é relativamente jovem em comparação com a média municipal, apresentando um padrão mais próximo a países com menor grau de desenvolvimento econômico. Sendo assim, há um peso maior de crianças e jovens, fato esse que ressalta possíveis demandas de políticas sociais específicas para estas faixas etárias. Os domicílios são bem servidos de alguns serviços públicos essenciais, apesar de algumas deficiências quanto ao esgotamento sanitário. O padrão construtivo mais precário, em muitos casos, está relacionado à estrutura de remuneração e à presença de áreas de ocupação irregular. Há ainda, algumas ruas sem calçamento adequado, além da proximidade da linha do trem que constitui elemento segregador dos espaços urbanos e aumenta a insegurança da população vizinha. Existem valetas, em que são jogados lixo e esgoto doméstico, comprometendo a qualidade de vida da população local.

Ademais, pode-se observar que além das diferenças sócio-econômicas entre a população da área pesquisada em relação ao bairro e a Curitiba, também existem diferenças dentro da própria região. O fato de um setor censitário ser classificado como de ocupação irregular, ao passo que os demais se tratam principalmente de conjuntos habitacionais confere inserção diferenciada a seus habitantes.

## CAPÍTULO IV- OS ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS PÚBLICOS DE LAZER

A região observada é atendida, basicamente, pelos equipamentos públicos nos serviços essenciais de educação, Escola Municipal Maria Marli Piovezan; saúde, Unidade Municipal de Saúde Jardim Alvorada; e, atendimento social, CRAS Ouro Verde. Esse último é uma agência da FAS – Fundação de Ação Social, que atua junto à comunidade oferecendo programas para reduzir o grau de vulnerabilidade social, imposto pela baixa escolaridade e baixo rendimento da sua população. Foram observadas também iniciativas não governamentais na região, tais como: Projeto Sol Nascente<sup>30</sup>, projetos de contra-turno escolar, entre outros. Conclui-se que, essa é uma área de vulnerabilidade<sup>31</sup> social, com forte atuação de diversas instâncias de promoção e recuperação social.

Os números destacados na figura 04 se referem aos seguintes espaços: (1) Praça Renato Russo; (2) Escola Municipal Maria Marly Piovesan; (3) Cancha de Bocha; (4) Unidade de Saúde Alvorada; (5) “Praça do Cairo”; (6) Praça Homero Morinobu Oguido; (7) Unidade de Atendimento Integral Michel Cury; (8) Projeto Alcance Madre Ângela; (9) Associação de Moradores Alvorada; (10) ONGs.

---

<sup>30</sup> O projeto Sol Nascente é uma iniciativa de intelectuais e representantes da comunidade local para mobilização e ações objetivando o desenvolvimento sustentável da região.

<sup>31</sup> Segundo Hecktheuer, et al (2009) a situação de vulnerabilidade significa que o indivíduo está suscetível a ser atacado ou ferido, isso sendo resultado de um conjunto de fatores individuais, coletivos e até mesmo sociais.

**Figura 4: Localização dos espaços identificados na área de estudo.**



Fonte: GOOGLE EARTH, 2009.

Considerando o exposto, segue apresentação inicial dos espaços públicos de lazer existentes na área pesquisada.

Conforme dados do IPPUC<sup>32</sup>, o bairro Uberaba, apresenta quinze jardinetes e quinze praças.

**Quadro 1: Área de Lazer Por Tipo no Bairro Uberaba no Município de Curitiba – 2005**

Bairros	Bosques	Centros Esportivos	Eixos de Animação	Jardinetes	Jardins Ambientais	Largos	Núcleos Ambientais	Parques	Praças
Uberaba	-	-	-	15	-	-	-	-	15
Curitiba	14	2	15	406	3	54	30	17	416

Fonte: SMMA/Parques e Praças, IPPUC/Banco de Dados.

<sup>32</sup> IPPUC- Instituto de pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba.

Observa-se que, com base na tabela acima, das áreas de lazer existentes na cidade de Curitiba, segundo dados oficiais, neste bairro não há bosques, centros esportivos, eixos de animação, jardins ambientais, largos, núcleos ambientais e parques. Entretanto, durante a pesquisa realizada *in loco* encontramos um bosque, sem denominação, localizado na Rua Amauri Mauad Guérios, dentro do perímetro do bairro em questão.

Segundo a arquiteta responsável pelos projetos de parques e praças, em entrevista concedida à autora, é dada a preferência na hora de planejar pelos espaços que contemplem:

O básico, o que dê menos manutenção, o que resista [...] um padrão para a facilidade de manutenção, a gente não pode inventar muita coisa, se não depois falta material.

Essa fala explica, de certa forma, o motivo pelo qual todos os espaços encontrados na área, (1) jardiente e (2) praças, em tela seguem um padrão de equipamentos, sendo estes: quadra de areia de vôlei com postes, quadra de futebol de areia com traves e cercada por alambrado, área de estar com bancos para sentar, espaço do playground com o trio de ferro<sup>33</sup>.

Dentre os equipamentos públicos de lazer, o parquinho é destacado como, especialmente pensado para o lazer infantil, pois é considerado “outro local além da escola, onde os exercícios de agilidade, equilíbrio e força podem ser praticados, são os parques infantis, que oferecem ótima opção de lazer.” (LAUFER, 2001 P. 21)

De acordo com a arquiteta, os espaços do *playground* tentam seguir algumas regras de constituição e são compostos basicamente pelos seguintes equipamentos:

Tem o trepa-trepa que é aquele quadradinho; tem o escorregador que não tem a proteção lateral, a criança sobe e é baixinho, esse é um defeito desse nosso escorregador. Além disso, a escada também não está dentro da norma. E a gangorra que é um brinquedo que acho que não tem muita graça, sei que as crianças brincam muito porque acho que não tem muita opção.

---

<sup>33</sup> Termo retirado da dissertação de mestrado de Felipe Sobczynski Gonçalves, intitulada **Espaços e equipamentos de lazer da Vila Nossa Senhora da Luz: suas formas de apropriação no tempo/espaço de lazer**. Trio de ferro que corresponde ao conjunto dos seguintes equipamentos: escorregador, trepa-trepa e gangorra todos feitos basicamente de ferro e pintados geralmente com cores primárias.

A escolha desses equipamentos leva em consideração questões de segurança. Por exemplo, a ausência da balança nos espaços analisados é justificada pela entrevistada com a seguinte afirmação:

Balanço a gente banii porque é muito perigoso, a não ser que seja cercado, a mãe esteja junto, mas dá muito problema, apesar de ser um brinquedo mais interessante, já deu problema anos atrás, parece que uma criança morreu, foi atravessar na frente da balança e foi atingida, então foi banido, não se instala mais balança.

Refletindo sobre a repetição deste modelo em todos os espaços, questionou-se sobre a possibilidade de implantar, em determinados espaços, equipamentos diversificados que contemplassem outros materiais além do ferro. Mas, segundo a arquiteta, a vontade de inovar esbarra nas questões de depreciação e segurança:

Às vezes pensamos em fazer um parquinho diferente, vamos colocar estruturas de concreto coloridas para virar um labirinto. (...)Mas o labirinto vira antro, lugar de fumar maconha, lugar para esconderem, não dá para pôr, e alguns que já foram implementados tivemos que retirar. Tem que tirar porque é lugar para esconderem droga, para se esconderem para assaltar as pessoas. Então, tem que ter um cuidado enorme na hora de fazer qualquer coisa porque pode virar armadilha.

A opção acabava sendo o tradicional parquinho de ferro, conforme infere a entrevistada:

Tem que ser uma coisa reforçada, uma coisa durável. Até o de madeira eles queimam, quebram, então os que duram mais são os de ferro mesmo. Não tem como queimar, eles são chumbados, de concreto.

Conclui-se que, os espaços destinados à vivência do lazer das crianças, nessa região, seguem um padrão relacionado à segurança. Tanto considerada, individualmente, pensando na possibilidade de acidentes em relação aos equipamentos; quanto, em relação a segurança pública, pela ênfase dada pela arquiteta na necessidade de equipamentos resistentes que diminuam ou impeçam a depreciação.

Questionada sobre os espaços de lazer destinados às crianças, a educadora (01) apontou como opção as praças da região. Segundo a entrevistada, o espaço é

considerado adequado pela presença do parquinho para os menores e da quadra para os maiores jogarem vôlei, futebol. A educadora (2) destacou o espaço da rua e a linha do trem. Já a educadora (4), respondendo ao mesmo questionamento, listou como opções de lazer: as praças Renato Russo, Cairo e Homero Morinobu Oguido; um bosque próximo a escola; os espaços do Colégio Alfredo Parodi, que começou a abrir em alguns períodos durante as férias<sup>34</sup>, e da escola Maria Marli Piovezan, com ênfase nos parquinhos, cancha e ginásio.

O agente de saúde, a líder comunitária e a diretora da escola apontaram a escola como principal espaço de lazer para as crianças.

Na opinião da assistente social entrevistada, os espaços de lazer da comunidade são:

Praça Renato Russo, o bosque que eu não sei o nome, as canchas públicas uma no Ecos Itiberê, e os espaços das escolas públicas, com o comunidade escola no Maria Marli, o Alfredo Parodi que também de vez em quando abre.

A entrevistada afirma ainda desconhecer espaços destinados, especialmente, ao lazer na infância, segundo ela as crianças acabam:

[...] dividindo espaço com os adultos e adolescentes, com idoso, mas um espaço que tenha lá escorregador e os brinquedos próprios para crianças não tem, o que tem é o básico cancha, uma gangorra às vezes, mas muito generalizados.

Considerando o exposto, conclui-se que os espaços elencados como possibilidades para o lazer infantil são: as praças, a escola, o bosque, a rua e a linha do trem.

Na seqüência apresenta-se descrição<sup>35</sup> densa dos espaços públicos de lazer inseridos na área selecionada para esta pesquisa, a partir da triangulação dos dados coletados durante as observações. Finalmente, tratar-se-á dos demais espaços considerados como alternativas para vivência do lazer infantil.

---

<sup>34</sup> A entrevistada refere-se ao período de dezembro de 2009 e janeiro de 2010.

<sup>35</sup> A descrição densa dos espaços Praça do Cairo, Praça Homero Morinobu Oguido e Praça Renato Russo foi realizada com auxílio da acadêmica Mariana C. Maranhão, que simultaneamente ao desenvolvimento dessa dissertação estava construindo sua monografia de conclusão de curso co-orientada pela autora, intitulada: **Espaços públicos de esporte e lazer na periferia de Curitiba: uma questão de (des) apropriação.** (Monografia de conclusão de curso Universidade Federal do Paraná Licenciatura em Educação Física, 2009.)



### **O jardinete conhecido na comunidade como a “Praça do Cairo”**

O espaço público de lazer aqui denominado jardinete, é um espaço que mesmo tendo um área menor que as praças, é palco de diversificadas práticas sociais. Segundo Cagnato (2007), esses espaços são como pequenos pontos de encontro, pensados para oportunizar uma quebra nas edificações e interação entre as pessoas.

A região do Uberaba apresenta 15 jardins<sup>36</sup>, com áreas entre 500 e 10635 m<sup>2</sup> de área. A maioria tem como parte do logradouro o termo “jardinete”, embora recebam outras denominações na comunidade. Como é o caso, por exemplo, do jardinete localizado entre as ruas Acil Lourenço da Cruz, Julieta A. Sado e Eulice B. Bartoszeck, único localizado na área delimitada da pesquisa, que é chamado pela comunidade de “Praça do Cairo”. Essa denominação deve-se à localização do jardinete, em frente ao espaço denominado Moradias Cairo.

O referido jardinete conta com uma área total de 1.410 m<sup>2</sup> e é de responsabilidade municipal. Têm como funções básicas, em relação aos equipamentos encontrados, atividades recreativas e esportivas, seu acesso é gratuito. É composto basicamente por quatro ambientes, uma área de estar<sup>37</sup> com 3 bancos de madeira, feitos com tocos de árvore; 1 quadra de futebol de areia cercada e com traves como pode-se observar na figura 5; 1 quadra de vôlei de areia e o espaço do parquinho, com o chamado trio de ferro, composto por escorregador, trepa-trepa e gangorra, em tela na figura 6.

---

<sup>36</sup> FONTE: SMMA/Parques e Praças, IPPUC/Banco de Dados. ELABORAÇÃO: IPPUC/Banco de Dados. NOTA: Segundo a Lei Municipal 9804 essas áreas são consideradas Unidades de Conservação, sendo definidas por regulamentação específica.

<sup>37</sup> Segundo a arquiteta entrevistada, “O “estar” é uma área mais de descanso, para poder ficar ali, sempre próxima do parquinho, porque geralmente as mães levam as crianças e ficam por ali olhando.”

**Figura 5: Cancha de futebol de areia “Praça Do Cairo”**



Fonte: TSCHOKE, Aline. Curitiba, 2009.

**Figura 6: Playground e área gramada da “Praça do Cairo”**



Fonte: TSCHOKE, Aline. Curitiba, 2009.

Existe a manutenção dos equipamentos, porém sem iluminação. Nesse caso, a arquiteta entrevistada problematiza o item iluminação, pois esse é, normalmente, a parte mais cara do espaço e a mais depredada, além de diretamente relacionada com a segurança no período noturno. Ela salienta ainda que:

...às vezes quando estamos fazendo um projeto de implantação de uma área, é necessário fazer uma pista de caminhada, uma cancha, um parquinho e a iluminação. Se o dinheiro não for suficiente, o que vamos cortar? Primeira coisa: vamos cortar a iluminação. Porque sem parquinho, sem pista de caminhada e sem cancha não é uma praça. Por isso às vezes tem áreas implantadas sem iluminação, por falta de verba.

Uma praça, com equipamentos, se não iluminada pode ser apropriada inclusive no período noturno? Refletindo sobre essa questão, conclui-se que, a falta de iluminação deve ser pensada como um fator limitador para a apropriação do espaço público de lazer e também um facilitador para a violência e conseqüentemente para o seu esvaziamento.

A limpeza é insuficiente, pois há a presença de lixo (figura 6) e a ausência de lixeiras. Sobre esse fato a arquiteta infere que:

As praças maiores têm um “praceiro”, um responsável que fiscaliza a manutenção da praça. As menores têm um esquema de rodízio para a manutenção. A lixeira seria responsabilidade da limpeza pública, através do caminhão de lixo e da equipe de manutenção da praça. Há assim divergências sobre a responsabilidade. Se não tiver alguém responsável por tirar o lixo todo dia, vai se tornando um ponto de jogar lixo. O povo vê a lixeira e pensa, Ah! Vamos deixar lá. Então a gente prefere tirar, que não tenha lixeira em nenhum lugar. [...] Senão a lixeira na praça vira um ponto de lixo, a pessoa tira o lixo da frente da casa e põe na praça. Se não tiver quem limpe, quem cuide, fica aquele monte de lixo. Não temos mais colocado lixeira para evitar isso, vira ponto de lixo. Se não tiver “praceiro”, não tiver quem cuide da praça, não tem lixeira.

A partir dessa resposta notamos que não há na gestão pública uma preocupação em promover com a comunidade uma discussão mais apurada sobre a necessidade de cuidado com a praça e sim uma gestão que prefere retirar a lixeira ao invés de conscientizar a população.

Em relação as ações realizados neste jardinete, a educadora (4) destacou que:

[...] tinha o Dejair que treina futebol com a criançada, mas agora ele mudou para cancha ali do lado do PIÁ.

A ausência de ações efetivas nesse espaço pode explicar a falta de apropriação. Entretanto, há brechas, que foram percebidas de forma pontual em dois

momentos, ambos no período da tarde em dias de sol. No primeiro caso, adolescentes jogavam futebol na cancha de areia. Interpelando duas meninas que observavam o jogo obteve-se a informação que os atores da cena faziam parte do PROJÓVEM<sup>38</sup>, programa esse ofertado pela Unidade de atendimento da União Ferroviária, localizada próxima ao local. Num segundo momento, observou-se a chegada e permanência de um grupo de crianças com duas professoras, essas carregavam garrafas grandes de água, copos de plástico e uma bola. Algumas crianças correram para os equipamentos do *playground*, outras optaram por brincar na areia, um grupo de meninos dirigiram-se à quadra de futebol, após solicitar a bola para as professoras. Atividades dirigidas foram realizadas cerca de 15 minutos após a chegada do grupo. Interpelando uma das responsáveis, soube-se que elas eram voluntárias na Obra Social Santo Aníbal, instituição da qual as crianças faziam parte.

A educadora (4), também comentou que esporadicamente vai com seu grupo de alunos até este espaço para brincar. Sobre a praça afirmou que:

Ela já foi melhor utilizada, agora está abandonada. As pessoas brigaram tanto pela praça e agora quem fica lá são os maloqueiros e bêbados com “tubão”, “litirão” e carros parado com som alto que não deixam nem o pessoal passar no meio da praça, tem que dar a volta. Antes a gente fazia campeonato de futebol até na praça.

Em síntese, a “Praça do Cairo” é um espaço de lazer infantil, porém pouco apropriado, devido a falta de iluminação e limpeza, o que limita as ações lúdicas.

### **As praças**

As praças, normalmente, maiores que os jardinetes, apresentam outras funções além de agregar pessoas, segundo Cagnato (2007), podem também comportar serviços, moradias, trabalho, transporte público, além da quebra das edificações.

A praça tem uma função que remonta da antiguidade, segundo Gastaldo (2009, p. 103):

---

<sup>38</sup> Programa Nacional de Inclusão de Jovens: Educação, Qualificação e Ação Comunitária.

Cidades são fundadas em torno de praças. Cidades na antiguidade grega tinham suas ágoras, amplos espaços públicos onde se debatiam as causas da polis, criando uma forma de governo chamada democracia.

Além disso, o conceito de praça tem um sentido cultural, pois em diferentes épocas “[...] existem esses amplos espaços públicos onde a vida em sociedade é mais intensa, a praça pública.” (HECKTHEUER, 2009, p.103.)

A cidade de Curitiba possui 416 praças catalogadas pela prefeitura, das quais quinze estão localizadas no bairro do Uberaba<sup>39</sup>. Essas apresentam áreas que variam de 1563 m<sup>2</sup> á 21.213 m<sup>2</sup>. Na região delimitada pela pesquisa estão inclusas 2 praças, a Homero Morinobu Oguido e a maior praça do bairro, a Renato Russo.

#### Praça Homero Morinobu Oguido

A praça Homero Morinobu Oguido localiza-se entre as ruas Sarg. Luiz G. Martins Ribas, Dr. Fabio R . Bertoli Arns e Aviador Armin Buhner, com uma área total de 4.140 m<sup>2</sup>. É de responsabilidade municipal e tem o acesso gratuito. A partir dos equipamentos observados conclui-se que é destinada a atividades esportivas e recreativas da população local.

O espaço, similar ao do jardinete “Praça do Cairo”, é composto por: um parquinho (Figura 7) composto pelo trio de ferro (gangorra, escorregador e trepa-trepa); 2 bancos de madeira (Figura 8); 1 quadra de vôlei de areia, com 2 postes para colocação de redes de vôlei; 1 quadra de futebol de areia, cercada por alambrado com entradas laterais e 2 traves, como mostra a figura 9.

---

<sup>39</sup> FONTE: SMMA/Parques e Praças, IPPUC/Banco de Dados

ELABORAÇÃO: IPPUC/Banco de Dados

NOTA: Segundo a Lei Municipal 9804 essas áreas são consideradas Unidades de Conservação, sendo definidas por regulamentação específica

**Figura 7: Equipamentos os parquinho da Praça Homero Morinobu Oguido**



Fonte: TSCHOKE, Aline. Curitiba, 2009.

**Figura 8: Banco de madeira da Praça Homero Oguido**



Fonte: TSCHOKE, Aline. Curitiba, 2009.

**Figura 9: Quadras de vôlei e futebol de areia da Praça Homero Morinobu Oguido**



Fonte: MARANHO, Mariana. Curitiba, 2009.

Postes altos compõem a iluminação da Praça Homero Morinobu Oguido, conforme pode ser observado na figura 09, destoando do modelo tradicionalmente utilizado nos parques e praças da cidade de Curitiba. A arquiteta explica que:

Você instala a iluminação e em uma semana não há mais nada, tudo foi roubado. A solução encontrada foi concretar a fiação ou colocar o super pop. Ou seja, um poste que tem quatro pés com doze metros de altura. Fica esteticamente feio, porém impede o acesso as lâmpadas. Mas, em espaços com árvores, este tipo de poste não é efetivo.

Este espaço não apresenta manutenção, observaram-se equipamentos quebrados, enferrujados e sem pintura. Nas quadras e nos arredores da praça pode-se ver muito lixo e excrementos, bem como animais pastando, como mostra a figura 10.

**Figura 10: Lateral da Praça Homero Oguido e divisa com a Unidade de Atendimento Michel Cury.**



Fonte: TSCHOKE, Aline. Curitiba, 2009.

Nesse sentido, segundo as educadoras (1) e (2), como não há apropriação por parte dos adultos, a comunidade não participa efetivamente da manutenção e segurança dos espaços.

A gente vê só as crianças, a gente passa ali, a gente não vê um adulto, somente crianças vindo da escola. (Educadora 01)

[...] sem a responsabilidade de cuidar desse espaço que é deles, até a questão de limpeza também. (Educadora 02)

Na opinião da assistente social, falta maturidade social à esta população.

[...] se a comunidade tem um incentivo dos líderes que a mobilizam a cuidar ela participa, agora ela por si só não consegue se mobilizar, nem ter esse movimento de cuidar, de proteger.

A linha do trem pode ser observada ao lado da praça, como na figura 9. Com a passagem da locomotiva e de seus vagões, o que ocorre diariamente, grande quantidade de poeira e areia são jogadas no espaço da praça.

Em uma das margens da praça está localizado um espaço de contra turno municipal, a Unidade de Atendimento Integral Michel Cury. Essa instituição possui uma construção única formada por: um espaço central, uma cozinha, uma sala



pedagógica e banheiros. Há uma pequena área externa, com o chão recoberto de pedrinhas, rodeada por uma cerca danificada em alguns pontos.

As educadoras dessa instituição comentaram que não há projetos desenvolvidos de forma sistemática no espaço da praça. Mas, constantemente levam as crianças brincarem no espaço em questão.

Durante a semana, no período escolar, esse espaço torna-se uma extensão da unidade Integral Michel Cury. Nas observações, percebeu-se que os espaços da instituição são insuficientes para atender ao número excessivo de alunos, os quais ficam aglomerados. Diante do que, quando possível, alguns alunos fogem para o amplo espaço da praça, passando por cortes na tela que divide a praça e o projeto de contra turno. As educadoras dessa instituição corroboraram afirmando:

[...] que muitas vezes eles (as crianças) fogem passando pelo buraco na cerca para ir lá para praça.

As crianças brincam diariamente nos espaços da praça, na areia, no parquinho, com bolas, arcos. Observou-se em alguns momentos a realização de atividades dirigidas pelos educadores da instituição.

Nos períodos que antecedem o fim das atividades da instituição, a praça vira um ponto de encontro para adolescentes que vem buscar os irmãos.

Um momento inusitado ocorreu quando as atividades escolares incluíram a confecção de um “balangandan”, um brinquedo feito com barbante e papel crepom. Quando da saída do projeto, as crianças se dirigiram à praça. Essa ganhou vida e cores, com as crianças brincando com o brinquedo construído por elas.

Quanto a apropriação da praça Homero Morinobu Oguido no sábado a tarde, verificou-se duas ou três crianças brincando na areia e no parquinho. Em outra oportunidade, também a tarde, presenciei pessoas bebendo e fumando nesse espaço, não havia crianças presentes. Já num domingo pela manhã, observou-se algumas crianças brincando com areia e na gangorra.

No entanto, nos demais fins de semana e no período de férias a praça ficou vazia nos períodos observados.

Preocupante é o fato das crianças não estarem acompanhadas por adultos. O que é confirmado pela educadora (01):

Não tem nenhum adulto junto, o adulto maior as vezes é um adolescente, um irmão mais velho ou um colega mais velho[...]normalmente que está ali brincando também, são crianças cuidando de crianças. [...]Aqui de 6 anos para cima já andam totalmente sozinhas, já se cuidam e vão além cuidam umas das outras[...]o pequeno tem que cuidar de outro pequenininho porque a mãe esta trabalhando, tem que levar para creche, às vezes tem uma prima que cuida dos dois pequenininhos.

A assistente social entrevistada acrescenta que, a maioria dos pais está ausente durante todo o dia, trabalhando como catadores de papel ou empregadas domésticas. Outra situação relatada, pela mesma entrevistada, é que além da rotina escolar:

[...] temos duas situações as (crianças) que freqüentam os contra turnos, cerca de 20% das crianças da comunidade e o restante que ficam em casa sozinhas. [...]Por isso que a gente tem muita situação que envolve crianças com abuso, com violência, criança em situação de rua, criança esmolando, por que elas estão sozinhas e desprotegidas praticamente o dia todo.

Em síntese, destaca-se a falta de manutenção e de apropriação nesse espaço por parte da comunidade, e a forte relação dos alunos do contra turno Michel Cury com a praça Homero Morinobu Oguido.

#### Praça Renato Russo

A praça Renato Russo (figura 11), a maior do bairro, situa-se entre as ruas Cap. Leônidas Marques, Velcy Bolivar Grando e Amauri Mauad Guerios, com 21.213 m<sup>2</sup> de área total. Está localizada ao lado da Escola Municipal Maria Marli Piovezan, e juntos estes dois espaços públicos ocupam uma quadra completa do bairro. É de responsabilidade municipal, tem o acesso gratuito, é especificamente destinada a atividades esportivas e recreativas, de acordo com os equipamentos disponíveis, atendendo a população local.

**Figura 11: Praça Renato Russo**



Fonte: TSCHOKE, Aline. Curitiba, 2009.

Essa praça foi assim denominada em homenagem<sup>40</sup> ao cantor e compositor Renato Russo, ex-líder da banda brasileira Legião Urbana, falecido em outubro de 1996.

Antes do início da construção da praça e da escola, esse terreno já era um grande ponto de encontro dos moradores da região, pois abrigava, segundo o Agente de saúde,

[...] um grande campo de grama, o então chamado campo do inter.

Sobre a apropriação desse espaço, quando era o campo de futebol de grama, a líder comunitária comenta com emoção:

...era um fervor! O pessoal não via a hora de chegar o fim de semana. Tinha todas as idades, feminino, masculino, era bonito de ver! Tinha campeonato todo fim de semana. Nós, voluntários, organizávamos tudo.

Mesmo frente à intensa apropriação da comunidade no local, a transformação daquele espaço em uma praça e uma escola, foi socialmente aceita. Fato reforçado pelo agente de saúde:

<sup>40</sup> Esse fato ganhou destaque no Jornal do estado de 19/07/1997, quando noticiou a visita da família Manfredini, da qual descendia o cantor, ao espaço onde seria construída a praça.

Na época que eu era adolescente a gente jogava muito e eu me mudei daqui por uns anos, e quando voltei, logo comecei a dar aula de esporte no campo de grama. Mesmo assim considero a mudança um ganho, porque se não houvesse a escola onde esse monte de crianças iam estudar, então perdemos um campo, mas ganhamos uma escola e um ginásio. Valeu a troca. Ou seja, não é mas o campo de grama agora é a escola mas eu to aqui do mesmo jeito, não mais no campo de grama, mas agora no ginásio.

Quanto à composição estrutural, a Praça Renato Russo apresenta: uma ampla quadra de futebol de areia, com duas traves, cercada por alambrado, com entradas laterais nos quatro cantos; uma quadra de vôlei de areia, com 2 postes para colocação de rede; uma pista de caminhada que contorna e divide ao meio a praça e a escola; equipamentos, feitos de madeira para alongamento (figura 14). O parquinho é formado por: trio de ferro (escorregador, trepa-trepa e gangorra), instalados sob um solo de areia (figura 13); bancos de toco de madeira, próximos a quadra de vôlei e do espaço do parquinho; espaços vazios gramados (em destaque na figura 12); o final da praça é marcado pelo muro do ginásio escolar (figura 15).

#### **Figura 12: Área gramada da Praça Renato Russo**



Fonte: TSCHOKE, Aline. Curitiba, 2009.

**Figura 13: Equipamentos do parquinho Praça Renato Russo**



Fonte: TSCHOKE, Aline. Curitiba, 2009.

**Figura 14: Área de alongamento da Praça Renato Russo**



Fonte: TSCHOKE, Aline. Curitiba, 2009.

**Figura 15: Praça Renato Russo muro de divisa com a escola Municipal Maria Marli Piovezan**



Fonte: TSCHOKE, Aline. Curitiba, 2009.

Quanto a manutenção, os equipamentos estão em boas condições de uso, há iluminação, porém observou-se grama alta e acúmulo de lixo.

A educadora (4) acrescenta que a comunidade, dificilmente, auxilia na manutenção. Exceto, no caso da mobilização visando mudanças na estrutura da Praça Renato Russo<sup>41</sup>.

Em relação às ações desenvolvidas nesse espaço, observaram-se aulas de ginástica para adultos e de capoeira para as crianças, ambas desenvolvidas em 2009, pelo projeto Sol Nascente.<sup>42</sup>

Já em relação à apropriação, a educadora (4) aponta-nos que:

A Praça Renato Russo só tem movimento quando tem uma atividade programada e dirigida que é utilizado o espaço da praça, fora isso é vazia, a não ser quando uma ou outra criança na entrada do Maria Marli (escola) dão uma fugidinha para o parquinho.

---

<sup>41</sup> Em uma série de reportagens do tele jornal RPC- Globo, foi realizado um panorama sobre cada bairro da cidade de Curitiba, debatendo as diferentes esferas públicas, saúde, educação, e também o lazer. Nesse caso a população relatou as mudanças que gostaria na Praça Renato Russo como transformar a grande quadra de futebol em quadras menores e com solo de outros materiais entre outras reivindicações.

<sup>42</sup> Este projeto será apresentado na descrição a seguir do espaço da escola.

A praça permanece vazia na maior parte do tempo. Segundo o agente de saúde, há uma forte relação entre a segurança e a falta de apropriação dos espaços públicos:

[...] a praça como um espaço vazio fica também mais inseguro, justamente pela falta de pessoas.

A assistente social entrevistada também relacionou o vazio nos espaços públicos com a questão da segurança:

[...] porque como uma família vai deixar o filho vir lá do união atravessar a linha, que é um divisor na questão da violência aqui, mas também chegar em uma praça que não tem nenhuma segurança, guarda municipal ou polícia que faça uma segurança, nem um professor, uma criança vai ficar ali sozinha e se acontecer alguma coisa ela vai estar ali sem ninguém para ajudá-la.

Dois fatores contribuíram significativamente para agravar esta ausência, a gripe tipo A H1N1<sup>43</sup> e o pós-chacina<sup>44</sup>, quando por dias não se viu ninguém em nenhum dos espaços públicos da região.

Para sanar a problemática do esvaziamento, a assistente social explana sobre a importância das atividades dirigidas para as crianças, nos espaços públicos, tais como: festivais e colônias de férias.

Embora o esvaziamento seja um fato, observaram-se algumas brechas nessa configuração. Por exemplo, um grupo de mulheres caminhava, as terças e quintas no final da tarde, e levava as crianças (filhos, netos) que ficavam brincando no parquinho. Um ou dois professores acompanhavam as mulheres e de certa forma também as crianças. Ressalta-se que as crianças com o tempo passaram a demonstrar laços de amizade.

Aos sábados pela manhã, quando o tempo estava ensolarado, as aulas de capoeira eram ministradas no gramado da praça. A tarde um grupo de adultos (basicamente homens) freqüentemente jogando vôlei na cancha de areia.

---

<sup>43</sup> Nos meses de julho e agosto de 2009, foi identificado um novo tipo de gripe, denominado influenza A H1N1. Devido as formas de transmissão desse vírus, diferentes organizações e instâncias públicas recomendaram o fechamento de espaços (escolas, universidades, centros de convivências, etc), o adiamento de eventos que possibilitassem aglomerações e a máxima permanência da população no espaço domiciliar.

<sup>44</sup> A chacina acontece na noite de 03/10/2009 nas vilas **União** e **Icarai**- Uberaba, em **Curitiba**. Teve como saldo oito mortos, sendo um deles uma criança de apenas seis meses de idade que morreu no colo da mãe também assassinada, e dois feridos.

Em eventos realizados nesta praça, como “O aniversário de Curitiba” e os “Festivais de férias do PELC”, quando houve uma total apropriação, pelas crianças participantes, dos espaços da praça, principalmente, dos gramados, com manifestações lúdicas diferenciadas. O parquinho, a cancha de futebol e o muro da escola também eram palcos da brincadeira. Escalar o alambrado era prática comum, seguido de repreensão por parte dos voluntários e educadores. Num dia chuvoso a brincadeira não parou. A água represada, num canto da quadra de areia, foi a principal atração do evento. As crianças brincaram sob os olhares atentos dos voluntários e educadores responsáveis.

Infere-se que eventos assim possibilitam a potencialização das diferentes formas de apropriação da praça, pois levam a comunidade a conhecer e relacionar o espaço público como propício para as vivências de lazer, fato este reforçado pela fala da educadora (2):

Eu acho que tem que ter mais eventos nas praças, para que elas sejam mais conhecidas, porque tem gente adulto que não conhece as praças e vai ser melhor aproveitada porque as crianças vão assimilar a praça como espaço de lazer. [...]Porque temos que dar um motivo para os pais irem que, conseqüentemente, as crianças irão junto.

A entrevistada afirma que as ações de esporte e lazer, sobre as quais tem conhecimento, foram as realizadas pelo PELC<sup>45</sup>, em 2009, na Praça Renato Russo.

Nesse sentido, detecta-se a escassez de eventos, no campo do lazer, nas praças e jardinetes da região pesquisada.

A arquiteta entrevistada, em alusão a animação dos espaços públicos de lazer, explica a ausência de eventos, coordenados pela Secretaria Municipal de Esporte e Lazer (SMEL) afirmando que:

As atividades realizadas pela SMEL são programadas quando há uma sede própria. Uma pessoa fica naquela praça, naquele lugar e desenvolve as atividades, caso contrário, a praça está ali para uso público.

---

<sup>45</sup> Programa Esporte e Lazer na cidade, financiado pelo Ministério do Esporte, sendo o núcleo dessa comunidade coordenado pela Universidade Federal do Paraná.



A educadora (4), também em referência a SMEL, afirma que a secretaria atua na comunidade de forma pontual (uma ou duas vezes por ano) e com empréstimo de materiais.

Corroborando com ela, o agente de saúde esclarece:

ver ações da SMEL nas praças é muito difícil, são apenas algumas atividades programadas, [...] uma vez por ano, não tem nada mensal.

A Assistente social complementa:

As diferentes lideranças fazem as solicitações de empréstimo de material que são encaminhadas por nós (Fundação de Ação social), [...] mas no cotidiano da comunidade a regional não chega até a comunidade.

Outro fato é que a preferência pelo espaço da escola, considerado mais seguro pela comunidade, interfere na apropriação da Praça Renato Russo, infere o agente de saúde:

a praça só é uma opção em feriados, ou outros momentos em que a escola se encontra fechada, aí eles vão para praça, mas é muito difícil.

Segundo a educadora (3), um terceiro fator de interferência é a distância:

...as crianças daqui das redondezas (Jardim União) acabam não indo pra lá da linha lá na praça do Maria Marli porque é longe, então elas preferem ficar aqui por perto.

Infere-se que a falta de intervenções dirigidas, a escola como opção de espaço de lazer e a distância são fatores limitantes para a efetiva apropriação desse espaço.

A líder comunitária revela que não há movimento nas praças. Nos dias de semana, só tem crianças quando são realizadas atividades dos projetos sociais. Contribuindo com essa análise o agente de saúde acrescenta que:

Quase ninguém participa ou freqüenta, e quando freqüenta sempre tem alguém para impedir que as pessoas prossigam freqüentando, sempre acontece alguma coisa, como vandalismo usuários de drogas aparecem, então as pessoas acabam se afastando e deixando a praça de lado.

Nessa direção a assistente social discorre que:

A Praça Renato Russo que é um pouco mais apropriada, [...] no fim de tarde eu passo lá e tem alguns grupos de jovens jogando vôlei, bola ou idoso tendo aula, agora criança eu vejo apenas quando tem evento, raramente é muito esporádico ver uma criança lá com a mãe, é só quando tem evento que vai com o professor da escola, ou no fim de semana quando tem ações comunitárias, como o PELC estava desenvolvendo, mas as crianças se aglomerarem para ir brincar é muito difícil.

Durante as observações, verificou-se que algumas crianças passam pelo parquinho, utilizam rapidamente o escorregador e vão para casa, como se aquilo fizesse parte do caminho. Observou-se também, nos horários de início e término das aulas, a passagem de muitos pais e/ou adultos responsáveis pela pista de caminhada. Em dias de sol ameno, constatou-se a presença de algumas mães (duas ou três vezes) com crianças pequenas brincando no parquinho durante o período da tarde.

Conclui-se que, a Praça Renato Russo é um espaço público estruturado, construído sobre um campo de grama, que outrora mobilizou a comunidade, mas que em sua atual forma não gera um sentimento de pertencimento. Ademais, por questões relacionadas à violência e a falta de intervenções do poder público é esvaziada boa parte do tempo. Ressalta-se que, um espaço vazio tende a ficar mais vazio e apenas eventos pontuais não conseguem dar movimento contínuo ao espaço público.

### **O espaço da escola**

A Escola Municipal Professora Maria Marli Piovesan<sup>46</sup>, em tela na figura 16, atende Educação Infantil, Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos e Educação Especial. Quanto a sua área de abrangência, a escola atende a demanda da Vila Jardim Centauro, Audi-União, Icaraí, Vila Torres e Jardim Alvorada. Os espaços da escola são utilizados, durante os horários de funcionamento<sup>47</sup>, para

---

<sup>46</sup> Localizada na Avenida Velcy Bolívar Grandó, s/nº no bairro Uberaba, Jardim Centauro, em Curitiba - Paraná.

<sup>47</sup> Segunda à quinta-feira, das 7 às 22 horas, sexta-feira, das 07 às 01 hora, sábado das 09 às 17 e das 21 às 01 hora, domingo das 09 às 17 horas. Todos os dias fecha parcialmente no período do almoço, das 12 às 13 horas.

atividades relacionadas à educação formal e também por projetos diferenciados, tais como: de esporte e lazer, combate às drogas, geração de renda, entre outros.

### Figura 16: Escola Municipal Professora Maria Marli Piovesan



Fonte: TSCHOKE, Aline. Curitiba, 2009.

A escola<sup>48</sup> é composta por 18 salas de aula, em geral amplas como podemos observar na figura 17, com cerca de 30 carteiras – dispostas em fileiras, porém em algumas salas de projetos elas são colocadas de outras maneiras, conforme a necessidade. O quadro negro é grande e em boas condições. Existem armários com cadeados e as janelas são grandes com boa ventilação e iluminação. Quando as carteiras são afastadas o espaço pode ser utilizado para a realização de outras atividades, além do estudo formal. Em todas as salas há: relógios, espelhos, ventiladores grandes, paredes imantadas, sistema de som interno, livros de apoio pedagógico, materiais e jogos didáticos em geral, equipamentos audiovisuais e outros. As salas de aulas estão em sua maioria com boas condições de uso, assim como os outros espaços da escola.

---

<sup>48</sup> A descrição densa dos espaços da escola Maria marli Piovezan foi desenvolvida com auxílio da acadêmica Thaís Gomes Tardivo, que simultaneamente ao desenvolvimento dessa dissertação estava construindo sua monografia de conclusão de curso por mim co-orientada, intitulada **O espaço da escola como um espaço de esporte e lazer: estudo de caso da Escola Municipal Maria Marli Piovesan**. (Monografia de conclusão de curso Universidade Federal do Paraná Licenciatura em Educação Física, 2009.)

**Figura 17: Sala de aula com espaço para atividades diferenciadas- Escola Municipal Maria Marli Piovesan.**



Fonte: TARDIVO, Thais Gomes. Curitiba, 2009.

O pátio interno, um “grande *retângulo*” bem perceptível na figura 18, é a entrada para as salas de aulas, secretaria, diretoria e banheiros – feminino e masculino. Possui alguns bancos e mesas para a espera e diversos murais para a exposição de atividades, divulgações e avisos.

**Figura 18: Pátio interno - Escola Municipal Maria Marli Piovesan**



Fonte: TARDIVO, Thais Gomes. Curitiba, 2009.

O pátio externo é amplo e com piso de cimento, como podemos observar na figura 19. Nele se localizam os 03 parques infantis, a cancha aberta e o ginásio.

**Figura 19: Pátio externo - Escola Municipal Maria Marli Piovesan**



Fonte: TARDIVO, Thais Gomes. Curitiba, 2009.

Dos parques infantis, dois, apresentados nas figuras 20 e 21 são compostos pelo trio de ferro: gangorra, escorregador e trepa-trepa, pintados com cores primárias e com boas condições de uso. O terceiro, figura 22, é um parque bem recente, colocado na escola no ano de 2009, todo em madeira, com uma ponte bamba, escorregas e diversos desafios para potencializar a aventura infantil. Esse último tem acesso restrito, por apresentar espaços diferenciados que se utilizados de formas inadequadas podem causar danos aos usuários.

**Figura 20: Parque infantil 01 - Escola Municipal Maria Marli Piovesan**



Fonte: TARDIVO, Thais Gomes. Curitiba, 2009.

**Figura 21: Parque infantil 02 - Escola Municipal Maria Marli Piovesan**



Fonte: TARDIVO, Thais Gomes. Curitiba, 2009.

**Figura 22: Parque infantil 02 - Escola Municipal Maria Marli Piovesan**



Fonte: TARDIVO, Thais Gomes. Curitiba, 2009.

A cancha de cimento (Figura 23), construída recentemente, é descoberta, tem acesso livre, piso de cimento liso, tabelas de basquete, traves de futebol e espaço para a colocação de traves de voleibol. É cercada por uma grade de proteção.

**Figura 23: Cancha- Escola Municipal Maria Marli Piovesan**



Fonte: TARDIVO, Thais Gomes. Curitiba, 2009.

O ginásio de esportes (Figura 24) é composto de uma quadra, sem arquibancadas, apenas com bancos nas laterais, sanitários, almoxarifado e cozinha.

A iluminação parece eficiente. O piso é de cimento, com as marcações dos esportes básicos basquete, futebol, handebol e voleibol.

**Figura 24: Ginásio Poliesportivo - Escola Municipal Maria Marli Piovesan**



Fonte: TARDIVO, Thais Gomes. Curitiba, 2009.

A escola conta com um laboratório de informática, freqüentemente, utilizado na educação formal e em alguns projetos. Em conjunto com esse espaço está a biblioteca, composta pelo acervo de livros e mesas para estudos. Os banheiros são seis, dois para os alunos do ensino fundamental, um para deficientes físicos, um para crianças da educação infantil e pré-escola e dois para os professores, todos localizados no pátio interno. A escola é plana, o que facilita a acessibilidade aos espaços, além de contar com um banheiro adaptado.

Sobre a acessibilidade a arquiteta afirma que

Não se consegue nem atender o básico, quem dirá falar em acessibilidade. [...] porém o que é colocado novo é tudo com acessibilidade.

Quanto a apropriação da escola, como espaço de lazer, a educadora (4) apresenta as ações de forma bem detalhada:

Aqui no ginásio da escola Maria Marli são variadas entre a PIAC Sport do Marcelinho e da Gisele, e da Edna que não tem nome de nenhuma associação, e ela é ligada ao Bola Cheia então ela está na escola na parte da noite na sexta e sábado. No sábado e domingo tem o Comunidade



Escola, e quando volta o período escolar normal da escola é rotina ter as escolinhas de futebol mas é o Marcelinho também que coordena, aqui na escola. [...] No bosque não tem ninguém, ninguém que se proponha a ir lá para propor uma atividade, tinha antes com o PELC, pois quando eles começaram a intervir aqui houve uma maior divulgação o povo começou a perder o medo de ir para as pracinhas, de ir para o bosque.

Vale salientar que, a partir de intervenções a apropriação pode ser favorecida. Um exemplo são as atividades extracurriculares, dentre elas destacam-se os treinamentos desportivos (futebol e projeto de tênis) e a música (canto coral).

Somam-se a essas iniciativas, dois programas sócio-educativos realizados no contra turno<sup>49</sup> da escola, o PETI<sup>50</sup> – Programa de Enfrentamento do Trabalho Infantil e o PROJOVEN<sup>51</sup> - Programa Nacional de Inclusão de Jovens: Educação, Qualificação e Ação Comunitária. Esses projetos podem desenvolver atividades voltadas ao esporte e lazer.

A escola sedia dois programas municipais relacionados com o lazer. O Comunidade Escola<sup>52</sup> e o Bola Cheia<sup>53</sup>. Esses dois projetos fazem com que a escola

<sup>49</sup> Contra turno é o período contrário ao horário formal de aula, ou seja, se os alunos frequentam a aula pela manhã, o contra turno é à tarde e vice-versa.

<sup>50</sup> Programa de Enfrentamento do Trabalho Infantil (PETI) é desenvolvido em todo o país, atendendo famílias cujas crianças e adolescentes com idade superior a 5 e inferior a 12 anos se encontrem em situação de vulnerabilidade social. No caso de Curitiba este é subsidiado pela FAS - Fundação de Ação Social, e especificamente nessas duas turmas a escola cede o espaço da sala de aula. Este projeto é sócio-educativo com ênfase na integração e convivência, e gera renda para as famílias dos participantes, que recebem um auxílio para manter os filhos nesse programa. Dentro desse projeto são realizadas diversas atividades como; estudos sobre meio ambiente, passeios, festas comemorativas, reforço escolar e principalmente o brincar. Essas ações visam o resgate da cidadania e a promoção de direitos de seus usuários, bem como de inclusão social de suas famílias. Fonte: entrevista com educadora participante do programa.

<sup>51</sup> O Programa Nacional de Inclusão de Jovens: Educação, Qualificação e Ação Comunitária- PROJOVEN- tem como objetivo investir em uma política nacional integrada, com programas e ações voltados para o desenvolvimento integral do jovem brasileiro, criando condições necessárias para romper o ciclo de reprodução das desigualdades e restaurando a esperança da sociedade em relação ao futuro desses jovens. Fonte: <http://projovemurbano.gov.br/site/> Acesso em 07/11/2009.

<sup>52</sup> O Programa Comunidade Escola é vinculado à Prefeitura da Cidade de Curitiba e existe um forte envolvimento da comunidade com as atividades propostas por este programa, principalmente às crianças. Ele funciona nos finais de semana – sábado e domingo – das 9:00 as 17:00, o espaço da escola se torna então o lugar de formação cidadã. Segundo site da prefeitura da cidade, esse programa colabora para que, por meio do tempo de lazer as crianças, jovens e adultos aprendam e se divirtam utilizando as possibilidades que o espaço escolar oferece. Como por exemplo, o bebedouro, os banheiros, o empréstimo de materiais e a presença de pessoas instruídas para cuidar e ajudar. <http://cidadeconhecimento.org.br>. Acesso em 03/11/2009

<sup>53</sup> O Programa Bola Cheia é um programa da Prefeitura de Curitiba, que segundo o site da cidade, tem como finalidade “encher a bola de crianças e adolescentes aumentando suas perspectivas futuras”. Seu principal enfoque é para a não utilização de drogas. Esse é um dos motivos pelos quais esse trabalho acontece em horário noturno, no qual em geral é o momento de maior ação dos usuários e traficantes de droga, a Secretaria Antidrogas é o órgão coordenador do projeto. Fonte: <http://cidadeconhecimento.org.br>. Acesso em 03/11/2009.

fique aberta à população nos finais de semana e em horários noturnos. As salas de aulas, quadra esportiva, pátio, bibliotecas e laboratórios de informática tornam-se lugares destinados a diversas atividades sócio-educativas gratuitas. Essas ações são desenvolvidas nas áreas de saúde, geração de renda, cidadania, cultura, esporte e lazer. As oficinas são desenvolvidas por voluntários, instrutores, servidores municipais e estagiários de graduação.

Sobre a dinâmica do Comunidade Escola o agente de saúde comenta que:

As crianças vêm para se divertir, brincar mesmo. A gente oferece bolas, muitas vezes elas trazem os brinquedos de casa, andam de bicicleta aqui no pátio da escola. Tem os jogos gigantes que foram feitos para as crianças brincarem, não só para as crianças, mas para toda a comunidade. As crianças brincam um pouco em um jogo daí pulam para outro e assim elas vão se distraíndo. Tem os jogos intelectivos como a dama, o xadrez e o ludo, tem também tênis de mesa que todos eles participam independente da idade. Foi feita uma quadra nova na escola para que quem não tiver fazendo aula de esporte (futebol) no ginásio tenha outro espaço para se divertir. E tem ainda os parquinhos para as crianças dentro da escola que elas adoram e brincam muito.

Dentre as atividades realizadas nos espaços da escola a diretora destaca:

Tênis de mesa, como eles gostam, tem duas mesas, eles usam as duas, se tivessem quatro eles iriam usar as quatro. Eles podem ir jogar futebol, mas nos intervalos estão no tênis de mesa. Tanto no projeto Bola Cheia, quanto no Comunidade Escola.

Observou-se que nos dois projetos as atividades com maior número de crianças envolvidas são o futebol e o tênis de mesa. A diferença é que no caso do futebol sempre há um professor conduzindo os treinos e jogos, separando os horários por idade. Já no caso do tênis de mesa os jogos são organizados pelas próprias crianças e/ou adolescentes presentes. Percebe-se também que as crianças algumas vezes trazem seus brinquedos de casa como bonecas, carrinho e até a própria bicicleta para vir brincar no pátio da escola.

As crianças aparentemente possuem uma relação harmônica com os voluntários, que desenvolvem as ações na escola. Solicitadas ou não ajudam na organização do espaço.

A presença de pais ou adultos não foi notada, exceto dos voluntários e educadores da comunidade envolvidos com as crianças.

A escola também possui alguns projetos, nos quais ela tem a função de mobilizadora e centralizadora, em parceria com diferentes entidades visando desenvolver ações voltadas à sustentabilidade. Sendo estas: o Projeto Sol Nascente, o Projeto Alcance Madre Ângela e o Projeto Jardim Botânico na escola.

O Projeto Socioambiental Sol Nascente<sup>54</sup>, segundo vídeo apresentado no blog<sup>55</sup> do projeto<sup>56</sup>, é um programa com ações de diversas vertentes que visa desenvolver as crianças, contribuindo na melhoria das condições de vida, na promoção da cidadania e na preservação do meio ambiente. A partir do estudo das necessidades da comunidade, dos recursos disponíveis e por meio de um planejamento, são elaboradas diversas ações comunitárias, estas sub-divididas em comissões, sendo estas: a Horta Comunitária<sup>57</sup>, o Coral Colibri<sup>58</sup>, Projeto de Psicomotricidade Relacional e a de Esporte e Lazer<sup>59</sup>.

Já o Projeto Alcance Madre Ângela<sup>60</sup>, vinculado com o Colégio Assunção de Curitiba, funciona como contra- turno para reforço escolar da Escola Municipal Maria

---

<sup>54</sup> Sob a coordenação do professor Nilson Pegorini da FAE Centro Universitário em conjunto com a participação de diversas ONGs, em especial do LIONS Club de Curitiba Nikkei tendo a parceria da UFPR (PELC), FAS, Estado do Paraná, associações locais e da direção da Escola Municipal Maria Marli Piovezan.

<sup>55</sup> É uma forma de site que funciona como um diário de pessoas, instituições, comunidades, tendo como característica principal as atualizações rápidas e constantes.

<sup>56</sup> <http://projetosolnascentevilaaudi.blogspot.com/2009>. Acesso em 05/11/2009.

<sup>57</sup> Horta Comunitária tem como objetivo proporcionar aos participantes melhor qualidade alimentar, renda e cuidado com o meio ambiente. Ela acontece nas dependências da JOCUM – Jovens com uma missão. Ao lado da escola Maria Marly.

<sup>58</sup> O coral iniciou suas atividades no início de outubro de 2009, na Escola Municipal Maria Marli Piovesan, e os ensaios contam com um grupo de aproximadamente 60 crianças participando. Ele acontece as terças-feiras das 18:00 as 19:00 horas.

<sup>59</sup> Esta comissão foi representada em 2009 pelo PELC- Projeto de Esporte e Lazer da Cidade/UFPR. Nos espaços da escola essa foram desenvolvidos no ano de 2009 diversas ações como; oficina de meio ambiente com os alunos do PETI, oficina de hip hop, oficina de brincadeiras, capoeira, dança de salão para todas as idades e aulas de ginásticas para o público adulto. Foram realizados também eventos tais como os festivais de atividades lúdicas e os gritos de carnaval.

<sup>60</sup> Segundo o site do Colégio Assunção, o Centro Pastoral Madre Ângela é uma obra mantida pelas Irmãs Felicianas, cujo objetivo é ajudar no reforço escolar e na formação humana dos alunos da Escola Maria Marly, na faixa etária de 05 (cinco) a 12 (doze) anos. Isso acontece por meio de atividades recreativas, teatros, jogos, músicas, desenhos e pinturas, sob a orientação do Serviço de Orientação Religiosa (SOR) do Colégio Nossa Senhora da Assunção.

Marly Piovezan e fica sediado no Centro Pastoral Madre Ângela, a algumas quadras da escola.

O projeto Jardim Botânico na Escola tem como principal objetivo estabelecer um processo educativo com a comunidade escolar, por meio de ações de educação ambiental, de forma a divulgar o papel do Jardim Botânico na conservação da biodiversidade e na promoção da sustentabilidade sócio-ambiental.

Falando sobre esses projetos, a diretora da escola conta que eles auxiliam na aprendizagem, pois:

[...] até para ser alfabetizada ela (a criança) precisa ter pré-requisitos corporais. Os projetos não conseguem atender a escola toda, mas quem consegue participar vai melhorando a qualidade de vida e da aprendizagem [...]. Os principais ganhos são os pré-requisitos que vão facilitar os alunos no seu desempenho escolar e principalmente social.

A diretora continua destacando a importância dos projetos na educação e na divisão de responsabilidades:

... é uma escola que praticamente nunca fecha, e juntamente com toda a comunidade escolar busca cumprir suas funções educacionais e principalmente seu compromisso social com a comunidade do seu entorno.

Nas atividades dirigidas para o público infantil observou-se aulas de capoeira, no pátio interno e externo, e treinos de futebol no ginásio. Durante a realização desses sempre havia crianças brincando nos parquinhos, com bicicletas e nas grades. Eventos de lazer como “Grito de Carnaval” e o “Festival de atividades lúdicas” também foram presenciados, nesses casos o espaço do ginásio foi utilizado como espaço para dança, jogos gigantes, pintura de rosto, brincadeiras com bolas e colchonetes, contação de histórias, entre outros.

Percebe-se que nos dias de frio, chuva ou de insegurança na comunidade o grupo de adultos, que faz caminhadas na praça, realiza as atividades dentro da escola. Nesses dias os professores disponibilizam para as crianças material para desenho e jogos.

A líder comunitária afirma que a maioria das crianças vem desacompanhada dos pais, para as atividades de lazer de fim de semana, e são recebidas pelos professores e voluntários dos projetos sociais. Ressalta-se que, a maioria dos freqüentadores dessas ações já têm uma relação com a escola, seja em projetos de contra turno, com as lideranças comunitárias ou como aluno regular. Entende-se que as crianças venham e permaneçam no espaço da escola por sentirem-se seguras neste espaço.

Em relação à participação dos pais, a diretora relata comparecimentos apenas nos eventos, embora sejam insistentemente solicitados. O que acaba acontecendo, segundo a entrevistada, é que:

O foco da escola se torna então somente a CRIANÇA, por quê? Para ver se pelo menos elas mudam e valorizam o espaço. A escola como espaço, não só acadêmico, mas também cultural.

A respeito da manutenção a diretora conta que a escola não é depredada ou pichada, mas sua estrutura sofre com o intenso uso, pois:

... como a escola praticamente não fecha temos um desgaste muito grande. E não tem o suporte financeiro para a manutenção adequada.

Não se presenciou, durante as observações, vandalismo no espaço da escola. E sim, a equipe de limpeza, durante os intervalos das atividades, trabalhando para manter a escola limpa.

Em referência a apropriação do espaço da escola a diretora aponta que:

Os alunos se apropriam da escola, ela é uma referência. É um lugar bonito e agradável. Eles podem vir e usar a qualquer hora. É fato que alguns alunos usam mais que outros. Nessa questão de se apropriar, quem participa mais, se envolve e cuida mais. Precisaria que toda a comunidade tivesse esse sentimento de pertencimento, mas ainda não tem.

Nesse sentido, a diretora afirma que considera a escola como um espaço de lazer para comunidade e que esse sucesso está relacionado também com a praticidade:

Porque a escola na hora que ela abre tem toda uma estrutura. É diferente quando você vem para um lugar organizado e quando você tem que se organizar para ir para um lugar.

Conclui-se que, a escola é um espaço de lazer para as crianças. Os projetos de incentivo ao lazer conseguem, de certa forma, auxiliar no processo de apropriação e (re)apropriação dos espaços. Trata-se de um espaço seguro, onde adultos recebem, protegem e ensinam as crianças também no tempo e espaço de lazer.

### **Outros espaços: a rua, a linha do trem e o bosque**

Em relação às ruas, elas são estreitas, sem pavimentação, esburacadas e muitas terminam na linha do trem (figura 25). Os fios de luz são baixos e as construções precárias. No final de 2009 e início de 2010 algumas ruas receberam cobertura de asfalto, como podemos observar na figura 26.

### **Figura 25: Rua sem pavimentação na região pesquisada**



Fonte: TSCHOKE, Aline. Curitiba, 2009.

**Figura 26: Rua recentemente asfaltada na região pesquisada.**



Fonte: TSCHOKE, Aline. Curitiba, 2009.

A educadora (2) destacou a importância da rua como espaço de lazer para as crianças

A rua é o espaço em que mais vemos crianças se apropriando, brincando com o carrinho de rolimã, bets, correndo para lá e para cá, principalmente, perto de casa, muitas vezes em frente de casa mesmo. Soltam muita raia, se apropriam como se a rua fosse uma espécie de quintal.

Segundo a entrevistada, um fato que contribui para a brincadeira na rua é o pouco tráfego de automóveis. Acrescenta ainda que, após a pavimentação um número maior de crianças passou a brincar nesse espaço, isso durante o dia, porque a noite a educadora diz “não saber como é”.

Segundo a líder comunitária, nas ruas:

é só futebol, o dia inteiro, tem sempre uma penca jogando não dá nem para passar, sendo que nas férias é o tempo todo e no período letivo mais nos fins de semana.

Sobre o mesmo assunto, segue a fala da educadora (4):

Na rua [...] a gente vê muito carrinho de rolimã, soltando pipa, roller, ficam jogando muito ali na rua, vive caindo a bola no meu quintal, eu acho que eles poderiam subir aqui na praça para jogar, mas eles gostam da rua mesmo como um quintal e não é só na minha rua, mas em todas e só você passar que vê uma travinha de futebol ou duas pedrinhas marcando gol.

As observações corroboram com o exposto acima. Durante o dia, pelas ruas da vila, notou-se a presença das crianças; no período letivo, maior no início e término das aulas e no período de férias e fins de semana ao longo do dia. Pipa e futebol eram as brincadeiras predominantes. Após a pavimentação da rua ganharam espaço os passeios de bicicleta, o carrinho de rolimã e outras práticas, conforme destaca a educadora (1):

E agora que tem asfalto começaram a aparecer novas brincadeiras, como o carrinho de rolimã. Eu acho engraçado porque [...] em dois anos que eu trabalho aqui eu nunca tinha visto nenhum e de repente surgiram muitos. [...] que eles não têm mesa de ping-pong, mas eles colocam um fio na rua e eles brincam com as raquetes e a bolinha, e isso foi com a chegada da rua também porque antes não era possível.

Dois fatos contribuíram para intensas pausas na apropriação das ruas. O primeiro foi o longo período de chuvas em 2009. Outro ponto foi a Chacina, que praticamente parou as brincadeiras de ruas durante pelo menos três semanas.

Outro lugar palco de brincadeiras é a linha do trem (figura 27). Soltar pipas, pular ou equilibrar-se sobre trilhos são práticas comuns. Sobre esse espaço a educadora (02) complementa que mesmo perigoso o lugar atrai as crianças:

Porque fica em cima de um morro assim eles tem uma visão do todo da vila.

**Figura 27: Linha do trem na área pesquisada**



Fonte: TSCHOKE, Aline. Curitiba, 2009.



Apesar dos riscos, a educadora (1) afirma não ter tido conhecimento de nenhum acidente envolvendo crianças, apenas adultos alcoolizados. Mas mesmo assim há momentos de tensão, segundo a assistente social entrevistada:

[...] pela manhã o trem da “ré” bem na hora da saída da escola das crianças, e a tarde pára também na hora que as crianças estão saindo da escola, e a maioria das crianças precisam passar a linha para ir para casa.

Esse problema será solucionado em breve, pois segundo a assistente social:

[...] a linha vai ser desviada por São José dos Pinhais não sei a data ainda, mas essa comunidade vai ficar um pouco mais em segurança a linha vai passar só lá por trás da comunidade.

Outro espaço de lazer, destacado pela comunidade, é o bosque. Localizado na Rua Amauri Mauad Guerios consiste numa área arborizada, com pista de caminhada, estação de alongamento, parquinho infantil e áreas de estar.

**Figura 28: Área de caminhada do bosque na Rua Amauri Mauad Guerios**



Fonte: TSCHOKE, Aline. Curitiba, 2009.

Verificou-se drástica mudança na apropriação deste espaço no período desta pesquisa. No início era palco de consumo de drogas e jovens cabulando aulas. Aos poucos esse quadro foi sendo substituído, observou-se, multirões de limpeza realizados por alunos do PETI, da Escola Maria Marli Piovezan; grupos de mulheres

usando o equipamento de alongamento e a pista de caminhada; nos fins de semana, esporadicamente, a presença de famílias passeando no espaço do bosque.

A educadora (4) em alusão ao bosque, localizado nos arredores da escola comenta que:

[...] não havia criança alguma. Agora de uns 5 meses para cá, vemos alguns pais e filhos no final da tarde, mas são sempre os mesmos, uma porcentagem muito pequena de famílias.

A educadora (4) afirma que, a pausa dos projetos relacionados ao esporte e lazer causaram um esvaziamento dos espaços públicos nos meses de férias, especialmente, em janeiro de 2010:

Deu uma diferença muito grande, o bosque ficou abandonado, tanto na parte da limpeza quanto de conservação, essa chuvarada influenciou também. A praça também ficou abandonada, eu que tive que pedir para eles cortarem a grama para fazermos atividades semana passada. Ficou a míngua, nem jogando futebol tinha alguém, o povo sumiu. Sempre tem um torneiozinho com os adultos, mas nesse mês de janeiro não teve nada que você possa falar: olha que bom eles estão na praça!

Em síntese, os espaços da rua, da linha do trem e do bosque podem ser apontados como espaços para a vivência do lazer infantil, devido aos sentidos e significados atribuídos a partir da apropriação observada. Destaca-se, nas ruas o surgimento do carrinho de rolimã simultaneamente a pavimentação e a prática do futebol; na linha do trem, a convivência do risco e do lúdico; e no bosque o esforço dos grupos de crianças para uma (re) apropriação do espaço.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na investigação dos espaços de uma cidade os encontros e desencontros, nas relações entre o espaço físico, a gestão e a comunidade ganham destaque, pois é nos espaços que as diferenças econômicas e sociais se materializam. A vulnerabilidade social presente na área pesquisada é um desses desencontros. A violência nessa região é um problema social noticiado em jornais desde os anos 80 e persiste até hoje. O sentimento de insegurança parece ser cotidiano e impele a comunidade a respeitar os horários socialmente pré-estabelecidos para as práticas fora do espaço privado. Essa situação impede que os espaços públicos de lazer sejam apropriados, entretanto acredita-se que esta realidade é passível de transformações e enfrentamentos.

Sabe-se que as crianças têm na ação lúdica nos espaços públicos uma oportunidade única de vivenciar sentimentos, ética, moral, cidadania, aprender a viver a se relacionar com o outro. Mas, como as crianças dessa comunidade vão vivenciar essa dimensão do lazer nos espaços públicos da região? Na área pesquisada vê-se um quadro de crianças sozinhas, “independentes” já aos 6 anos, sem os meios necessários para se tornar realmente autônomas. Segundo a assistente social, 80% das crianças ficam sozinhas em casa nos períodos que não estão na escola. Isso porque os responsáveis, com baixos índices de escolaridade, são em sua maioria trabalhadores do mercado informal, catadores de material reciclável ou trabalhadores domésticos com períodos de trabalho que iniciam-se nas primeiras horas manhã e vão até o fim da tarde, não tendo pausas que os possibilitem voltar para casa e estabelecer relações afetivas e educacionais com as crianças.

Essa infância está sendo vivenciada de forma reduzida, em casa, cuidando de si mesma, muitas vezes dos irmãos e fazendo tarefas domésticas. As possibilidades de lazer nesse ambiente são limitadas, pois nessa comunidade muitas famílias vivem em cômodos ou em pequenas casas.

No entanto, 20 % das crianças freqüentam os projetos de contra-turnos escolares. Nesses espaços há uma rotina pré determinada pelos educadores e alguns momentos reservados para o brincar.

A alegria fruto da ação lúdica não é uma constante, pois muitos elementos tencionam o brincar. Dificilmente são estabelecidas relações de confiança e possibilidades de escolha. Nessa perspectiva a assistente social contribui:

Preocupo-me muito com a preservação da infância, pois com a criança e o adolescente fora de ações sócio-educativas o que acontece, você não trabalha a criança enquanto ela está na situação de vulnerabilidade, depois você acaba trabalhando quando já está em risco, envolvida. Você acaba apenas remediando, e a prevenção que seria mais barata e mais fácil não fazemos. Trabalhar o lazer na infância é uma dessas formas de prevenção.

Apontar o tempo e espaço lazer como uma possibilidade para atingir um estado de tranqüilidade, fluidez, imaginação, no qual é possível conectar-se com a realidade e viver o momento presente, com prazer e liberdade soa um pouco fantasioso nesse contexto.

Infere-se que essas crianças ainda não conquistaram o direito ao tempo e espaço para o lazer. E não tendo essa possibilidade, ficam sem condições de absorver, elaborar e reelaborar a cultura na sociedade em que estão inseridas.

O esvaziamento dos espaços observados revela a grave situação em que se encontra o lazer das crianças na região do Bolsão de pobreza Audi-União. Somente através da apropriação, por parte dos usuários, que as características lúdicas são experienciadas, caso contrário não se constituem como espaços de lazer vivenciados, com sentidos e significados.

Conclui-se, a partir da análise dos espaços físicos, que foram atribuídas funções básicas a esses locais a partir de sua constituição arquitetônica, sendo elas, as atividades físico-esportivas e recreativas e, no caso da escola, a flexibilização no uso dos espaços.

Quanto aos equipamentos disponíveis nos espaços pesquisados, observaram-se basicamente: canchas de areia, postes para colocação de rede de vôlei, traves de futebol, bancos de madeira e *playground* (gangorra, escorregador e

trepá-trepá). Estes foram colocados sobre solo de areia, grama ou calçamento, e cercados por uma tela/alambrado (principalmente as canchas de areia), ou no caso do ginásio por paredes, entretanto seguem um modelo tradicional.

Em relação ao planejamento, ficou evidenciado, segundo a gestão pública que os equipamentos padrão são implantados nos espaços públicos atendendo a uma linha de durabilidade e facilidade na manutenção. Outra evidência foi a preocupação com a depredação dos espaços e equipamentos. A iluminação não está presente em todos os espaços públicos, segundo as entrevistas devido ao seu alto custo.

Apointa-se, em relação à manutenção, a falta de limpeza nos espaços das praças e jardinetes. Salientando a presença de acúmulo de lixo em vários ambientes e a ausência de lixeiras. O que contrasta com o espaço da escola, no qual, há a presença de lixeiras e a limpeza é feita constantemente, durante o desenvolvimento das diferentes atividades.

Ressalta-se que a comunidade age em prol da manutenção e gestão quando mobilizada pelas lideranças comunitárias ou projetos. Um exemplo é o pedido de uma revitalização estrutural na Praça Renato Russo, demonstrando que quando há iniciativas educacionais a comunidade age positivamente.

Nas praças e jardinetes percebeu-se pouca apropriação por parte das crianças, salvo em eventos esporádicos. Outra possibilidade de apropriação são as ações dos projetos de contra-turnos escolares, que levam os alunos aos espaços públicos para realizar atividades diferenciadas. O que pode, como aconteceu no caso do bosque, alterar o sentimento de medo em relação ao uso do espaço, possibilitando a (re) apropriação.

A escola, ponto de referência em relação ao lazer na comunidade, é considerada segura devido a presença da guarda municipal, funcionários e do constante movimento de pessoas da comunidade, principalmente crianças e adolescentes. A apropriação é facilitada pela sistematização e presença de vários projetos e parcerias.

A rua, o bosque e a linha do trem também foram considerados espaços de lazer para as crianças. Destaca-se: nas ruas o surgimento do carrinho de rolimã simultaneamente a pavimentação e a prática do futebol; na linha do trem, a convivência do risco e do lúdico; e no bosque o esforço dos grupos de crianças para uma (re)apropriação do espaço. Salienta-se que as ruas são ambientes onde percebeu-se também uma diversidade de formas de apropriação livres e espontâneas da comunidade, tal uso se deve ao fato das ruas serem praticamente extensões das residências.

Nos espaços analisados, exceto no caso da escola, são poucas as ações governamentais contínuas no âmbito do lazer. As ações da SMEL ocorrem de forma pontual ou com o empréstimo de materiais, o que exige um processo burocrático. Importantes também são os projetos de contra-turnos escolares, os quais visualizam o lazer como aliado à prevenção da vulnerabilidade social.

Destaca-se nessa dinâmica o trabalho comunitário relacionado ao futebol desde a época do campo de grama até os dias de hoje, contando sempre com voluntários mediando a prática.

Conclui-se que existem poucas possibilidades para a vivência do lazer infantil nos espaços delimitados na pesquisa, os quais quando experienciados são favorecidos pela oferta de alguns equipamentos e por ações isoladas e iniciativas comunitárias, entretanto os espaços se encontram esvaziados. Também emergem como limites que dificultam e até mesmo impedem a apropriação por parte das crianças no tempo e espaço de lazer: violência, o próprio vazio dos espaços, a raridade de ações no âmbito do esporte e lazer, a ausência dos pais no cotidiano infantil assim como questões relacionadas à gestão e administração dos espaços.

Os espaços públicos de lazer podem ser considerados “sucesso” se analisados somente pelos modelos e design, porém nesse caso são um “fracasso” em relação à gestão. Faz-se apenas o mínimo em relação a manutenção e limpeza e quase nada em relação a educação para os usos desses espaços no tempo de lazer, o que contribui para a ausência de apropriação.

Ressalta-se ainda que, a gestão municipal optou por retirar as lixeiras dos espaços ou nem colocá-las inicialmente para evitar o acúmulo de lixo, ao invés de promover ações de conscientização. Equipamentos diferenciados também não são implantados pela possível depredação, questões políticas ou ainda pelo risco de causar acidentes.

A linha do trem é uma demarcação segregatória na comunidade, por ser uma linha de divisão entre “vilas”, na qual “rixas” e questões de segurança impedem que as pessoas passem para os espaços de lazer situados em um dos lados da linha. Entretanto é um espaço apropriado pelas crianças ludicamente, mesmo diante dos perigos e das proibições impostas em alguns momentos.

A escola não tem a função de ser um espaço de lazer, mas assumiu esse papel, especialmente por questões de segurança. A intensa movimentação nesse espaço pode diminuir as possibilidades de apropriação da praça ao lado. Pode-se afirmar que, a diferença está no fato que dentro da escola há mais segurança, além das intervenções que fazem dela referência no esporte e lazer. Porém, os projetos não educam politicamente o cidadão, restringem a intervenção de forma localizada na escola, e os frequentadores não conseguem ir além, se apropriando dos outros espaços de lazer da comunidade.

Fatores gerais, como os casos da gripe A H1N1 e os longos períodos de chuva, e mais específicos, como a chacina, também contribuíram para o vazio dos espaços públicos de lazer, em determinadas épocas do ano de 2009.

Tendo em mente esse diagnóstico, os informantes da pesquisa levantaram algumas idéias que poderiam potencializar a vivência do lazer infantil, são elas: mobilizar os educadores e participantes dos projetos dos contra-turnos nos espaços públicos viabilizando a (re) apropriação, além de aumentar o número de vagas ofertadas; construção de um centro de referência em esporte e lazer para possibilitar a medição entre a educação e o lazer; atuação mais intensa da SMEL, com eventos nas praças que as tornem mais conhecidas; iniciativas que atraiam os pais para acompanharem seus filhos nos momentos de lazer, com atividades dirigidas também aos adultos; construção de um campo de grama; conscientizar a comunidade da importância do lazer.

É inerente a necessidade de mostrar a importância de articular meios para a vivência do lúdico, mobilizando a comunidade e o Estado na busca do direito ao lazer na infância nessa região.



## REFERÊNCIAS

APROPRIAR. In: LAROUSSE. **Dicionário Larousse Ilustrado da Língua Portuguesa**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2004. p.55

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Editora 34, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRAMANTE, Antonio Carlos. Lazer: concepções e significados. **Licere**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1. p. 9-17, 1998.

BRUHNS, Heloísa Turini. **Introdução aos estudos do lazer**. Campinas: UNICAMP, 1997.

BRUHNS, Heloísa Turini. **A busca pela natureza turismo e aventura**. Barueri: Manole, 2009.

CAGNATO, Euza Virginia. **Praça Afonso Botelho: o foco das observações no âmbito do esporte e do lazer**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

CAVICHIOILLI, Fernando; SOUZA, Doralice. **Lazer e esporte: subsídios para o desenvolvimento e a gestão de políticas públicas**. Jundiaí: Fontoura, 2006. p. 61-74

CERTEAU, Micheal. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópoles: Vozes, 1994.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

DEBROTOLI, José Alfredo Oliveira; MARTINS, Maria de Fátima Almeida; MARTINS, Sérgio. Introdução. In: \_\_\_\_\_(Org). **Infâncias na metrópole**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 11-46.

ELIAS, Norbert. **Teoria Simbólica**. Oeiras: Celta Editora, 1994.

FENIANOS, Eduardo Emílio. **J. Americas, Guabirota e Uberaba - presentes do passado** – Curitiba. Univercidade, 2001. 54p. Coleção bairros de Curitiba.

FERNADES, João. Vida e cidadania: escola boa é a que fica de portas abertas. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 26 jul. 2008. Disponível em: <<http://portal.rpc.com.br/gazetadopovo/vidaecidadania/conteudo.phtml?tl=1&id=773456&tit=Escola-boa-e-a-que-fica-de-portas-abertas>> Acesso em: 26 jul. 2008.

FRANÇA, Rodrigo. **Diálogos entre oferta e demanda: uma análise da relação entre o poder público e os grupos de ativismos sociais referentes aos parques da cidade**

de Curitiba. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

GASTALDO, Édison Luis. Interações sociais no espaço público: um estudo etnográfico nas praças e parques. In: FRAGA, Alex B. et al. **Políticas de lazer e saúde em espaços urbanos**. Porto Alegre: Gênese, 2009. (série esporte, lazer e saúde)

GEERTZ. Cliford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GONÇALVES, Felipe Sobczykbski. **Espaços e equipamentos de lazer da Vila Nossa Senhora da Luz**: suas formas de apropriação no tempo espaço de lazer. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

GOMES, Christiane Luce (Org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GOOGLE EARTH. **Curitiba**. Imagem de: 22 maio. 2009. Disponível em: <<http://earth.google.com/intl/pt-BR/>>. Acesso em: 27.nov. 2009.

HECKTHEUER, et all. **O esporte nos projetos sociais e a produção dos sujeitos vulneráveis**. In: FRAGA, et all. Políticas de lazer e saúde em espaços urbanos. Porto Alegre: Gênese, 2009. (Série esporte, lazer e saúde)

HORN, Maria da Graça. **Sabores, cores, sons, aromas**: a organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA. **Curitiba em dados 2004**. Curitiba IPPUC, 2004 292p.il. CDU 519.25(816.21) 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- IBGE. **Censo Demográfico, 2000**. Agregado por Setores Censitários dos Resultados do Universo, 2ª Edição, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 19 jul. 2009.

\_\_\_\_\_. **Censo demográfico, 2000**. Mapa do setor censitário. CD-ROM.

JACOBS, Jane. **A morte e vida das grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LAUFER, Adriana Mariana. **Recomendações para projeto de brinquedos de recreação e lazer existentes em playgrounds adaptados à criança com paralisia cerebral**. Dissertação (Programa de pós-graduação em Engenharia da Produção), Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001.

LAVILLE, Dione. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Trad. Heloísa Monteiro e Franscisco Settineri. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LEFEBVRE, Henry. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

\_\_\_\_\_. **O direito a cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

MARCELLINO, Nelson Carvalho **Lazer e educação**. 3. ed. Campinas: Papirus, 1995.

MASCARENHAS, Fernando.; MARCASSA, Luciana. Lazer. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (Org.) **Dicionário Crítico de Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2005.

MASCARENHAS, Fernando. **Lazer como prática de liberdade**: uma proposta educativa para a juventude. 2. ed. Goiânia: UFG, 2004.

PACHECO, Reinaldo Tadeu Bosco. A escola pública e o lazer: impasses e perspectivas. In: PADILHA, Valquíria. (Org) **Dialética do lazer**. São Paulo: Cortez, 2006. p. 173- 212

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA (a). **Comunidade Escola**: O espaço da gente. 3. ed. Curitiba, jun., 2007.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA (b). **Comunidade Escola**: comemora dois anos com bolo gigante e 1,4 milhão de atendimentos. Curitiba, ago. 2007. Disponível em: <http://www.curitiba.pr.gov.br/Noticialmpimir.aspx?n=10528>. Acesso em: 10 set. 2007.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA(c). Disponível em <<http://www.cidadedoconhecimento.org.br>>. Acesso em 30/10/2009.

PROJETO SOL NASCENTE. Disponível em <<http://projetosolnascentevilaaudi.blogspot.com/2009/>>. Acesso em 30/10/2009.

PROJOVEM. Disponível em <<http://www.projovemurbano.gov.br/site/>>. Acesso em 03/11/2009.

POL, Enric. **La apropiación Del espacio, Cognición, Rpresentación y apropiación del espacio**. Colleció Monografies Psico-Socio – Ambientals, 9, Publications Universitat de Barcelona, Barcelona, 1996. (p.45-62)

RECHIA, Simone; FRANÇA, Rodrigo. O Estado do Paraná e seus espaços e equipamentos de lazer e esporte: apropriação, desapropriação ou reapropriação. In: MEZZADRI F. M.; CAVICHIOILLI, F. R.; SOUZA, D. L. **Lazer e esporte**: subsídios para o desenvolvimento e a gestão de políticas públicas. Jundiaí: Fontoura, 2006. p. 61-74

\_\_\_\_\_. O jogo do espaço e o espaço do jogo em escolas da cidade de Curitiba. In: **Revista Brasileira de Ciências do esporte**. Campinas, v. 22, n. 2, p. 91-104, jan. 2006.

\_\_\_\_\_. **Parques públicos de Curitiba: A relação cidade-natureza nas experiências de lazer**. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

\_\_\_\_\_. Planejamento dos espaços e equipamentos de lazer nas cidades: uma questão de “saúde urbana”. In: Fraga et al. **Políticas de lazer e saúde em espaços urbanos**. Porto Alegre: Gênese, 2009. (Série Esporte, lazer e Saúde)

RIBEIRO, Renata Maria. **Planejamento urbano, espaços públicos de lazer e turismo no bairro Uberaba em Curitiba- PR**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

SANTÍN, Silvino. **Educação Física: da alegria do lúdico a opressão do rendimento**. 3. ed. Porto Alegre: EST Edições, 2001.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço: técnicas e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SIMMEL, George. **Simmel e a modernidade**. Trad. Jessé Souza. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

SIROTA, Régine. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. **Cadernos de pesquisa**, n. 112, março 2001.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais. **Caderno Cedes**, v. 20, n. 50, abril 2000.

TUAN, Y. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

WENETZ, Ileana. Sociabilidade e gênero: negociações/imposições no espaço do recreio. In: STIGGER, Marco Paulo et al. **O esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos**. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

## ANEXOS

### 1. PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO DOS ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS DE ESPORTE E LAZER

Cidade: \_\_\_\_\_ . Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ (dia da semana).

Contato: [pessoa responsável pelas informações](#). Função: [cargo ocupado pelo contato](#).

ESPAÇO: [local da observação, ex: ginásio, parque, praça, quadra, etc.](#)

#### PERFIL

Caráter / Responsável: [público, privado, etc.](#) / [estado, município, comunidade, empresa, etc.](#)

Localização: [endereço completo \(rua, nº, bairro, telefone, etc\)](#).

Público que atende: [número aproximado de pessoas que utilizam este espaço](#).

#### OBJETIVO

Finalidade: [para que foi construído](#).

Específico

Não – específico

Função Básica:

Trabalho  Educação  Formal   
 Religiosa  Viários  Cívicos  Domésticos   
 Gastronômicos

Naturais  Culturais  Esportivas  Recreativas

Turismo  Sociais e associativas  De expressão física e atlética

#### HISTÓRICO

Fundação: [data da fundação](#).

Origem: [porque ou como foi construído](#).

#### ACESSIBILIDADE

Espaço físico: [permite cadeirantes ou outro tipo de deficiência](#).

Valor: [valor cobrado para utilização do espaço](#).

Horário: horário no qual o espaço é disponibilizado ao público (projetos/comunidade).

Tempo: dias em que o espaço é disponibilizado para uso do público.

Diário       Fim de semana       Férias

### DESCRIÇÃO

Área total: quanto mede (m<sup>2</sup>, hectares, alqueires, etc) a área ocupada pelo espaço.

Equipamentos: descrição do espaço, descrição e enumeração dos equipamentos.

---



---



---



---



---



---



---

Materiais: se existem materiais (bolas, redes, jogos, corda, etc.) disponíveis.

Condições: quais as condições de uso do espaço e dos equipamentos

Limpeza       Segurança       Iluminação      (      )  
Manutenção

Banheiros: se existem, ou não, banheiros no local, e qual as condições.

### APROPRIAÇÃO

Projetos: se existem e quais são os projetos existentes no espaço (ongs, projetos sociais, escolinhas, recreação, etc.).

Faixa etária / Sexo: qual a faixa etária e o sexo que mais utiliza o espaço.

Outras formas de apropriação: maneiras não pré-determinadas de utilização do espaço e dos equipamentos

**SUGESTÕES**

**Sugestões para melhorar as condições de uso do espaço e dos equipamentos**

**OBSERVAÇÕES**

**Informações relevantes que não foram contempladas no decorrer do protocolo**

## 2. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



**Ministério da Educação**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**  
**Setor de Ciências Biológicas**  
**Comitê Setorial de Ética em Pesquisa**

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

#### **Pesquisador responsável:**

Profª Drª. Simone Rechia,

Profª Aline Tschoke

**Fone:** (41) 8507-4694

**Endereço:** Rua: Maurício Nunes Garcia, 280. Ap. 509.

**E-mail:** aline\_tschoke@yahoo.com.br

Este é um convite especial para você participar voluntariamente do estudo “ **Lazer na Infância: Possibilidades e Limites para Vivência do Lazer em Espaços da Periferia de Curitiba/Paraná**”. Por favor, leia com atenção as informações abaixo antes de dar seu consentimento para participar ou não do estudo. Caso haja qualquer dúvida sobre o estudo, pergunte ao pesquisador que lhe entregou este documento.

#### ▪ **OBJETIVOS E BENEFÍCIO DO ESTUDO**

Este estudo se propõe a observar como se dá a apropriação cotidiana dos espaços destinados às experiências lúdicas na infância no tempo/espaço de lazer, identificando como se dá à apropriação a partir dos “laços” sociais constituídos, apontando quais são as práticas efetivamente vivenciadas nesse ambiente pelas crianças. Este estudo pode contribuir para a efetivação de políticas públicas pensadas para a comunidade como segurança, acessibilidade, manutenção e supervisão dos espaços e equipamentos desses ambientes.

#### ▪ **PROCEDIMENTOS**

Para efetivarmos o estudo, buscaremos compreender como se deu o processo de concepção e planejamento dos espaços e equipamentos de esporte e lazer no Bolsão AUDI-UNIÃO, como ocorre a apropriação desses ambientes e quais as experiências que envolvem as práticas lúdicas na infância por parte da comunidade. Por meio de observações e entrevistas semi-estruturada.



▪ **PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA**

A sua participação neste estudo é *voluntária* e você terá plena e total liberdade para desistir do estudo a qualquer momento, sem que isso acarrete em qualquer prejuízo para você.

▪ **GARANTIA DE SIGILO E PRIVACIDADE**

As informações relacionadas ao estudo são confidenciais e qualquer informação divulgada em relatório ou publicação será feita sob forma codificada, para que a confidencialidade seja mantida. O pesquisador garante que seu nome não será divulgado sob hipótese alguma.

▪ **ESCLARECIMENTO DE DÚVIDAS**

Você pode e deve fazer todas as perguntas que julgar necessárias antes de concordar em participar do estudo.

Diante do exposto acima eu, \_\_\_\_\_ abaixo assinado, declaro que fui esclarecido(a) sobre os objetivos, procedimentos e benefícios do presente estudo. Concedo meu acordo de participar de livre e espontânea vontade. Foi-me assegurado o direito de abandonar o estudo a qualquer momento, se eu assim o desejar. Declaro também não possuir nenhum grau de dependência profissional ou educacional com os pesquisadores envolvidos nesse projeto (ou seja, os pesquisadores desse projeto não podem me prejudicar de modo algum no trabalho ou nos estudos), não me sentindo pressionado de nenhum modo a participar dessa pesquisa.

Curitiba, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

Sujeito \_\_\_\_\_

Pesquisador(a) Aline Tschoke

RG: \_\_\_\_\_

RG: \_\_\_\_\_

### **3. ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA LIDERANÇAS COMUNITÁRIAS**

#### **IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO**

Nome, função, escolaridade, contato.

#### **QUESTÕES**

- 1) Quais os espaços de lazer na sua comunidade?
- 2) Desses espaços quais são destinados ao lazer das crianças?
- 3) Como esses espaços são apropriados pelas crianças e pela comunidade em geral?
- 4) Quais as ações que são realizadas nesses espaços? Quem são os responsáveis pela realização das mesmas?
- 5) Qual a relação da comunidade com esses espaços em relação a gestão, manutenção, segurança.
- 6) O que você acha ser possível fazer para potencializar a vivência do lazer das crianças nos espaços públicos?
- 7) Outros comentários.

#### **4. ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA – ARQUITETA PLANEJAMENTO DE PARQUES E PRAÇAS PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA**

##### **Identificação do entrevistado**

Nome, função, escolaridade, contato.

- 1) Quais os espaços nessa comunidade são destinados a vivência do lazer?
- 2) Há um modelo único de equipamentos ou há uma diversidade, dependendo da região ou dos anseios de certas comunidades?
- 3) Quanto à gestão administrativa dos parques e praças da cidade, como são desenvolvidas as políticas quanto a:
  - a) Manutenção e limpeza (equipamentos/estrutura); Com que frequência é realizada a manutenção e limpeza dos espaços? Quanto custa para manter um espaço público de esporte e lazer?
  - b) Policiamento/iluminação;
  - c) Acessibilidade.
  - d) Como é a participação comunitária na gestão desses espaços.
- 4) Pensando sobre uma gestão para a apropriação desses espaços, são realizadas intervenções (projetos, eventos) objetivando incentivar a comunidade a apropriar-se desses locais? Se sim, de que forma? Quem é o responsável por seu planejamento e organização?
- 5) Há uma certa preocupação especial com as diferentes faixas etárias, especialmente no caso das crianças? De que forma está inserida nas questões anteriores?
- 6) Quais espaços você acredita serem destinados a vivência do lazer das crianças na cidade de Curitiba, e especificamente na região do bolsão de pobreza Audi - União no bairro Uberaba?